

*incompl.*



# ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

## JORNAL DE ARTES, SCIENCIAS E LETTRAS

Volume IV. — N. 38

FEVEREIRO DE 1878

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cada numero contem 20 paginas de texto e gravuras



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA DO « IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO »

61 — RUA D'AJUDA (FLORESTA) — 61



# NOVA FUNDIÇÃO DE TYPOS

DE

## LOPES & PACHECO

13 RUA DE SANTO ANTONIO 13

RIO DE JANEIRO

LOPES & PACHECO, estabelecidos com fundição de tipos desde 1869, chamam a atenção dos Srs. proprietários de typographias, tanto da corte como do interior, para o novo specimen que acabão de publicar e distribuir. Não obstante termos principiado com exiguos recursos e termos lutado com grandes difficuldades, vê-se logo á primeira vista, pelo supracitado specimen, publicado este anno, que temos augmentado consideravelmente o nosso material para o fabrico dos typus; por isso osamos esperar da bondade dos senhores donos de typographias a sua coadjuvação, animando deste modo cada vez mais, este estabelecimento de maxima utilidade.

Em nossa casa encontra-se sempre tudo que é preciso para se montar uma typographia completa, com prelos de mão e mechanicos, tudo por preços os mais razoaveis que nos é possível; e podemos garantir sem-recreio algum, todo o material que sair de nossa casa. As pessoas do interior podem fazer os seus pedidos, por intermedio de seus correspondentes na corte, ou directamente á nossa casa, na certeza de que de qualquer modo serão bem servidos, como se viessem pessoalmente.



# FREDERICO KRUSSMANN

RELOJOEIRO

34 D RUA DOS OURIVES 34 D

RELOGIOS, CORRENTES E MEDALHAS

Encarrega-se de encomendas de relógios para estabelecimentos publicos.

CONCERTA-SE QUALQUER RELOGIO E APLIÇA-SE

RIO DE JANEIRO

# REVISTA DENTARIA

ESTUDO POPULAR

Publicação mensal e dedicada á hygiene e conservação dos dentes

PREÇO DA ASSIGNATURA: 28000 POR ANNO

Redacção e administração á Rua de Ouvidor N. 130

REDACTORES

J. W. Conchmann e S. D. Rambo

DENTISTAS AMERICANOS

RUA DO OUVIDOR 130



DEPOSITO GERAL

44 RUA DO VISCONDE DE INHAUMA, ANTIGA DOS PESCADORES 44

O Dr. Radway declara falsos todos os remedios que não trazem nas capas um retulo igual a este, onde se lê a firma dos agentes.

Os Srs. mercadores do interior e provincia podem dirigir os seus pedidos a este deposito, onde se entrega gratuitamente folhetos e instruções, e dá-se verbalmente todas as informações necessarias.

O Resolutivo Renovador e a Salsaparrilha do Dr. Radway são os mais poderosos purificadores do sangue, curam effezadamente todas as molestias syphiliticas, escrophulicas e da pelle.

O IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO recebe annuncios de todos os tamanhos e preços para a capa illustrada da—Illustração Brasileira. —Precisa tambem de agentes para angariar assignaturas e annuncios, pagando boa percentagem.

## PROMPTO ALLIVIO

DO

## DR. RADWAY

Ou o mais barato e melhor medicamento familiar

Desde que se faz uso d'elle cessam as dores. Cura rheumatismos, neuralgias, colicas biliosas, inflammções dos rins e quasi que instantaneamente.

Quando qualquer pessoa for subitamente acometida de arrepios do frio, tosse, dysphteria, rouquidão, dor de garganta, febre, sezões, dores dos ossos, ocellatina, etc., etc., tome de 4 a 6 pilulas, acompanhadas de uma colher de chá do PROMPTO ALLIVIO DO DR. RADWAY misturado em um copo d'agua quente adoçada com lissucar ou xarope.

esfregue a garganta, cabeça e pelle com o PROMPTO ALLIVIO puro, que a cura se effectuara: sendo outrosim necessario este processo na espinha dorsal para os casos do febre intermitente ou sezões.

Es o effeito do PROMPTO ALLIVIO. Em poucos minutos o paciente sentirá uma ligeira sensação irritante na pelle, a qual se tornará avermelhada.

Se o soffrimento se estende ao estomago, o PROMPTO ALLIVIO auxiliará a natureza a expellir a causa offensiva.

Sente-se um calor geral pelo corpo, acompanhado das propriedades diffusivas e estimulantes, que rapidamente penetram em todos as veias e tecidos do systema, estimulando as funções parcialmente paralyzadas das glandulas e orgaos, e consequentemente renovando sua acção salutar.

Seguir-se-ha a transpiração augmentando-se o calor da superficie do corpo, e d'ahi desaparecerão inclemente as dores do estomago, arrepios do frio, dores de garganta e todas as soffrimentos que internos que a causa offensiva, e o paciente em tranquillo sono, despertando fresco e vigoroso, e enfim, curado.

Nadar-se-ha ainda que o emprego externo do PROMPTO ALLIVIO, quer sobre a espinha dorsal, quer sobre os rins, estomago e intestinos, produzirá um agradável calor durante alguns dias depois, o que mostra o tempo de sua influencia sobre as partes doentadas.

(Não se accieito dos falsos).

DEPOSITO

Rua do Visconde de Inhauma n. 44

(ANTIGA DOS PESCADORES)

## NOVAS PUBLICAÇÕES

O Dr. Radway, medico famoso americano, membro da universidade da Pensylvania, nos Estados-Unidos, acaba de dar á luz uma obra em que expoe e explica um novo systema de tratamento medico, cuja efficacia demonstra com os numerosos, interessantes e extraordinarios curativos que este novo methodo tem produzido.

Distribue-se este livro gratuitamente. Todos podem procurá-lo: em Lima, á casa dos Srs. Inghes & Castagni; em Valparaiso, na do Sr. E. H. W. Seigless, no Equador, na dos Srs. Gault & C.; em Caracas, na dos Srs. Gullio & Surrup; em Buenos-Ayres, na dos Srs. João Eastman & Filho.

Para que sirva de evidencia e de prova incontestavel dos bons resultados do systema do DR. RADWAY leia-se o seguinte caso, collhido entre outros de igual natureza.

Um cavalleiro octogenario ataca de paralyzia nos membros e entranhas.

Rio de Janeiro, 2 de Março de 1876.—Srs. Raymundo C. Leite & Irmaes.—Meus Senhores.—Em resposta ao seu obsequio, permitam-me Vm. que lhes diga que não ha pessoa no mundo que deva tanto aos Srs. Radway & C., como o abaixo assignado. Achava-me completamente paralyzado, apenas podia mover a cabeça sem experimentar dores agudas; o espinhao dala-me tambem muito os orgaos internos estavam paralyzados e tão constipado me achava, que só evacuai um vez em doze dias.

A todos estes males accrescia achar-me quasi sem vista, não tinha carne sobre os ossos, e um braço e uma mão estavam inflamados. Durante todo esse tempo tomei quantos remedios me applicaram, na esperança de aliviar, mas debalde. Figurem-se Vm. quanto padeci eu, e quantos deviam ser minhas sensações, á vista da minha idade de oitenta annos. Era esta a condição em que me achava, quando o Sr. Dr. Julio Zumbert, vice-consul do Franca na cidade do Rio de Janeiro, apresentou em minha casa o irmão de Vm, Dr. Sebastião; e para que conste a verdade do que digo, e saltem varias testemunhas, pessoas respeitaveis desta cidade, os proprios medicos, o o caridoso barão de Itaboraim, vali-me dos remedios dos Srs. RADWAY & C., do modo seguinte: cinco pilulas todas as noites; fricções no espinhao com o PROMPTO ALLIVIO; gargargos com o mesmo, diluido em agua e finalmente, doses do RESOLUTIVO RENOVADOR, conforme as instruções contidas nos folhetos. Continuei neste tratamento por espaço de cinco mezes; até que no fim do quarenta dias ja podia andar sem apoio, e hoje, conjuncto as minhas pernas não temham bastante firmeza, posso caminhar perfeitamente; vejo muito bem, sinto-me muito mais vigoroso e posso occupar-me dos meus negocios como se tivesse remanecido.

« Dou graças a Deus por esta grande descoberta feita pelos Srs. Drs. RADWAY & C., e igualmente fico agradecido ao Sr. V. L.

« Coliam-me Vm., etc.—José Francisco Pereira Serpa.»

Deposito das verdadeiras, rua do Visconde de Inhauma n. 44.

# ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA

ASSIGNATURAS

Ciudad e N. York, ann. .... 145000 Para os provinciaes, ann. .... 135000  
 Para o Brazil, ann. .... 72000 Para o Brazil, ann. .... 70000  
 Annuo-se no IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO, rua d'Alfama n. 21, Rio de Janeiro.

ANNO II.

ASSIGNATURAS

Ciudad e N. York, ann. .... 145000 Para os provinciaes, ann. .... 135000  
 Para o Brazil, ann. .... 72000 Para o Brazil, ann. .... 70000  
 Annuo-se no IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO, rua d'Alfama n. 21, Rio de Janeiro.

N. 38.

Publica-se uma vez por mes.

Rua do Castello. — Fevereiro de 1878.

Contem 20 paginas de texto e gravuras.

Vol. IV.



A INNOCENTE CAMPONEZA  
 CELEBRE QUADRO DO SR. HUGO SALMSON

## ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

## A POESIA POPULAR

Rio, 1.º de fevereiro de 1878.

As lendas e as tradições populares são tidas em grande conta quer entre os povos selvagens, quer entre os mais adiantados em civilização.

O povo vê e sente nellas a poesia nacional; o poeta inspira-se em sua singeleza ou grandeza, em que se reproduz, para assim dizormos, a effigie da musa antiga—essa musa que primeiro cantou á beira das fontes, ou ao pé dos mortos, ou no fundo das valles, ou nas entranchas das florestas, ou no interior das cavernas, ou no alto das montanhas, ou no cunbro das praias do seu paiz, grave, serena, melancolica, amorosa ou guerreira, sempre inspirada, quasi sempre magestosa e terna.

As lendas e as tradições valem ainda pelo muito que auxiliam o historiador no exame das eras passadas e do caracter, costumes e grão de cultura do povo que elle se propõe estudar. Marcos miliares do viver desse povo, por ellas se afferem paixões, inclinações, gostos, que os tempos teriam de todo apagado e de que seria impossível ajuizar na falta desses focos que esclarecem as trevas, por onde não raras vezes facteira e erra o historiador.

Escrever a historia das lendas e tradições dos povos seria tarefa de grande alcance e que exigiria muito tempo. Não é este o nosso fim.

Precedemos unicamente lavrar nestas paginas um protesto contra a indifferença que entre nós se vota aos monumentos deste genero que nos deixaram nossos antepassados.

Quanto não se perderam já, quanto não se perdem dia a dia, á mingua de quem os enfeixe, e lhes dá forma e organização perduravel?

Sabe-se que na Europa, não simples poetas, mas comissões officiaes percorrem as terras onde se apontam dos taes monumentos, e os salvam do esquecimento, transportando-os com orgulho e gloria para as respectivas litteraturas.

Quantas comissões officiaes e não officiaes não percorreram o Rheno, a fim de recolherem as innumeraveis lendas que o povoam? Quantas outras não foram e não vão ainda, com fim identico, a Suécia, Noruega, Dinamarca, por onde o genio do norte espalhou tantas e tão fragrantas flôras de imaginação, sentimento e amor da patria?

Paroça que aquellos povos que são uns toles, e que nós, sim, somos o primeiro povo do mundo e tão rico somos que não temos necessidade desses pequenos nada, com que a gente séria não deve perder o seu tempo.

Contai as sommas avultadas que entre nós se em um serviço—o da colonização—se tem despendido, em pura perda, porque este serviço tem sido entre nós estupidamente feito, que haveis de reconhecer que, talvez uma vigesima parte dessas sommas, dêsse, não para reunir-se em um livro as principaes creações da musa do nosso povo, mas para escrever-se a historia de importantes movimentos politicos de que os contemporaneos não sabemos sino de outira.

Desses acontecimentos dão testemunho authenticos montões de documentos que a poesia e a traça consomem nos archivos das secretarias publicas.

De longe em longe, um escriptor, um brasileiro puro penetra ali, não sem difficuldade porque nos proprios archivos publicos se apresentam obstaculos a quem, ainda que gratuitamente, pretenda tirar desses cithos alguma luz para a historia ou algum alento para o amor da patria depauperado e abatido—e leva para as poltr, valiosas joias das desprezadas e occultas nosos repositorios informes e medonhos.

A cabe de mezas ou de annos, durante os quaes o escriptor viveu sabe Deus como, sua obra está prompta.

E muito boa ao parecer dos entendidos, mas por que meios a publicar?

Depois de andar de Herodes para Pilatos, o tal escriptor, cansado e arrependido, vende-a ao editor, que não obstante dar por ella do cara feia uns quatro vintens, é exaltado como benemerito das letras.

Si a obra é recebida com alvoroço pela grande imprensa, o governo manda dar ao autor elogiado pouco mais do que lhe deu o editor benemerito.

Para que isto, porém, aconteceu preciso é que o autor o queira, e que mova um sem numero de empenhos, suba muitas escadas, sinta muitas camisas. Si o não faz, não o tem. Nesta terra não se faz justiça sino por muitos pedidos, por mil e um empenhos.

Onde está o nosso patriotismo?

## LETRAS

## O CRGO

ROMANÇO ORIGINAL ESCRITO PARA A « ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA »

TOMO

Dr. Gomes do Souza

XII

(Continuação)

E continuava a esperar, mas sempre debalde! — O amor proprio da nuñeira, começou a revoltar-se seriamente na caprichosa viuvinha, que contava vencer e estava quasi a ser vencida. Para não frequentar de todo, começou ella a nutrir mais francamente as esperanças de Paulo, que cada vez se mostrava mais apaixonado e a visitava frequentemente. — Baldado foi, porém, ainda este recurso com o fim de esquecer aquelle que tão cruelmente d'ella se havia esquecido.

Não annando o novo annado, não podia esquecer o primeiro, porque o amava apaixonadamente, não podia, sem que o quizesse, amar o segundo. — Haviam já decorrido trinta dias sem que o mancebo se dignasse de lhe passar ao menos pela porta; — a pobre Julia resolveu escrever-lhe, finalmente, depois de ter escripto, rasgado freneticamente a carta e calcou-lhe aos pés os fragmentos. — Desesperada, desgrenhou-se toda, afrouxou os vestidos, atirou-se na cama e por longas horas deu livre curso ás suas lagrimas.

Eram sete horas da noite. — Neste interim chega o aventureiro; Julia comoz o semblante o melhor que pode, mandou-o entrar para a sala e dentro em poucos minutos foi recebido. Paulo não deixou de conhecer que ella tinha chorado e, depois de a cumprimentar, perguntou-lhe:

— Está incommodada, D. Julia?

— Não deixo de estar, torna a moça, apontando-lhe uma cadeira.

Paulo sentou-se, dizendo:

— Talvez lembre-se ainda do Dr. Alberto...

— E' verdade, não só lembranças, como saudades, bem pungentes, respondeu ella com certa acrimonia acintosa, picada da descortezia do cynico.

Julia, á proporção que desesperava de Alberto, mais esperava de Paulo, e á medida que este mais esperanças concebia, mais a caprichosa viuvinha se desgostava d'elle. Foi para o esmagar que ella assim lhe respondeu. — O miseravel, porém, não o comprehendendo, ou tracto do esmagar tambem ao peso do seu desamoramento o

acinte cruel com que ella o tinha presurado ferir e com o mais revoltante sorriso disse:

— Já vejo que todos os meus conselhos têm sido infructiferos até hoje, e acabo de me convencer de que é inextinguivel a paixão que a senhora nutre por aquelle farsola. Agora, finalmente, comprehendendo tudo, e cumpre que lhe diga de uma vez por todas, minha senhora, que de enação lamento o funesto fim que lhe está reservado. — Alberto já conheceu que a senhora o ama loucamente e zomba d'esse amor. — Está no seu direito, ou faria outro tanto, se tivesse o caracter d'esse miseravel, d'esse ingrato. — Os homens, como elle, desde que conhecem que são verdadeiramente amados, mostram-se soberanos e desprezadores. A fraqueza da mulher é um incentivo para que o libertino se atreva a exigir d'ella toda a casta de humilhações em bem do seu amor proprio, do seu orgulho. D. Julia, se cre' no amor immenso e immensamente desinteressado que lhe voto, por quem é, acredite no conselho que lhe vou dar e de que de certo tirará magnifico resultado.

— Ouço-o com toda a attenção, disse a moça encarando-o sem saber se deveria crer ou não na sinceridade das palavras d'aquelle homem.

— Eleve-se a sua altura, mantenha-se na sua posição melindrosa de uma senhora viuva, ainda muito moça; singularmente formosa, namadamente rica, e admirada, idolatrada, requestada por todos quantos têm a felicidade de a conhecer. Não se deixe, por conseguinte, vencer pelos caprichos de uma alma vesata. Desde o momento em que a senhora começa a olhar para esse louco ou antes para esse tolo enfatuado, com o mais pungente desprezo ou a mais feia indifferença, vol-o-ha desatando de paixão vir rojar a seus pés, pedir, supplicar-lhe, chorando piedado para elle. — E' nessa occasião que a senhora terá de saber-se o nectar celeste da justa vingança, esmagando com o pé triumphante a côr viva humilhada do orgulhoso, que se atreveu a escarnecer das suas lagrimas depois de lhe ter profundamente lacerado o coração.

As palavras de Paulo de Abreu calaram profundamente no animo da viuva; mas esta conservou-se fria, impassivel e, depois de o ter fitado obstinadamente por alguns minutos, levantou-se dizendo:

— Muito bem, Sr. Paulo, agradeço-lhe cordialmente o conselho que me acaba de dar; amanhã o espero com novos e salutares conselhos.

Paulo percebeu que ora uma despedida era regra que ella lhe fazia, e querendo por seu turno fazer uma retirada honrosa, disse, puchando pelo relógio:

— Pois quem já se vai sou eu.

Abre o relógio e, olhando as horas, continua:

— Brincando, brincando, já são dez horas da noite! O tempo vòo em sua amavel companhia, D. Julia.

— Não duvido, disse Julia, sorrindo ironicamente.

— Até amanhã.

Depois que elle sahio, Julia recolheu-se e a noite inteira passou n'um estado indescrivivel de angustiosa insomnia. De manhã muito cedo levantou-se, vestiu-se e foi dar um passeio pela chácara. A manhã estava soberba de esplendor e harmonia; tudo em torno contrastava com o coração d'ella. Julia sentia-se alquebrada de corpo e de espirito; procurava espairocer banhando-se e banhando a sua alma nos esplendores e nas harmonias perfumadas do primeiro crepusculo. Ao termo de uma hora de passeio, voltou, com effeito para casa um pouco mais calma e com o coração menos oppresso.

A's nove horas pôz-se o almoco, tomou ella uma chavena de café com leite, retirou-se depois ao seu gabinete e escreveu com mão nervosa e febril a carta que o leitor já conhece. Julia estava pallida e desfeita, porém, mais bella ainda, se é possível, do que quando as esperanças se lhe emballaram n'alma, lhe revertieram nos olhos e lhe sorriram nos labios. Depois que mandou a carta ao seu destino, sentou-se em uma cadeira de balango e pôz-se a ler as poesias de Gonçalves Dias; acabava de ler uma que tem por título — Se se morre de amor — quando o Dr. Alberto entrou.

O mancebo ao vê-la ficou por instantes estatico e deslumbrado, não tanto pela radiante belleza da joven viuva, quanto pela extrema parecença

que dava ella naquella momento com a angelica Virginia; pareceu-lhe até, que era a propria filha de Epiphania que alli estava!

— Será isto uma mystificação ou hallucinação da minha vista? pensou elle, sem poder acreditar que a pessoa que tinha diante de si, fosse a encantadora donzella que naquella mesma dia o quasi aquella mesma hora tinha entrado para o collegio.

Julia Gonçalves foi a primeira que lhe dirigio a palavra, levantando-se e encaminhando-se para elle com ademanes verdadeiramente senhoriaes e elegantes.

— Bons olhos o vejam, doutor, disse ella com o mais adoravel dos seus sorrisos; então, está mal commigo?

— Oh!... porque semelhante pergunta, D. Julia? torna o mancoço apertando a branca e assetinada mãozinha que ella lhe estendia.

— Ha um mez que d'aqui desapareceu, como se a minha casa estivesse excommungada. Que mal lhe fez, doutor?

Alberto nunca se tinha visto em sua vida tão embarçado e confuso como naquella occasião em que se achava em frente de uma bella mulher dotada de todos os attributos proprios para fascinar e prender um homem como elle e que, no entanto elle não amava!

Julia Gonçalves estava na altura de Alberto pelo coração, pelo espirito e pela intelligencia; era natural, portanto, que o mancoço viesse a sentir por ella o mais entranhado amor, se tão cedo não tivesse encontrado a angelica filha do ego que, se não era superior á Julia nos encantos physicos e moraes, tinha, pelo menos, em seu favor não só a tenra idade, como a innocencia e candura dos anjos.

O embarço do mancoço em presença da interessante viuva provinha da consciencia de haver commettido uma grave falta para com ella, deixando absolutamente, sem razão plausivel, de frequentar a sua casa, como costumava. Não sabia como se justificar e por isso tratou de lhe dizer toda a verdade.

— Confesso, D. Julia, disse elle sentando-se no sofá a convite da moça, confesso que tenho sido bastante impolitico, se não grosseiro, para com a senhora; mas creia que sinceramente me arrependo desta falta e espero, attente ao seu bom coração, que me absolva della desde que conheça o imperioso motivo.....

— Já sei, doutor, interrompeu ella com um sorriso indelivel de dor e irema no mesmo tempo.

— Já sabe? — Qual é então, D. Julia?

— A importantissima descoberta que acaba de fazer.

— Ignoro ao que allude, minha senhora.

— É pena que o doutor tenha ás vezes tão difficil comprehensão.

— Sou sempre de difficil comprehensão, D. Julia, principalmente.....

— Principalmente quando não lhe convem confessar que ama a filha de um mendigo.

— Permitta que lhe diga, D. Julia, que a senhora está completamente enganada. Esse respeitavel ancão, que hoje considero no numero dos meus melhores amigos, nunca foi nem é um mendigo; victima do fraudulento banqueiro — Samuel — o judeu.....

Julia empallideceu ainda mais ouvindo o nome do banqueiro, mas não externou por nenhum outro signal a profunda e dolorosa commoção que acabon de soffrir; Alberto continuou:

— Veio elle á corte ver se podia propôr acção contra esse miseravel, que o despojou de tudo quanto o infeliz possuia. — Procurou-me para advogar a sua causa e, como tem ella de ser muito lenta e dispendiosa, achou facilmente quem lhe comprasse a divida de oitocentos por quatrocentos contos de réis. Quanto a sua filha é ainda uma criança de quatorze annos apenas de idade, por quem me interesso como o proprio pai e que mais tarde não hesitaria em receber a por minha esposa, se ella o quizer.

— Como se chama o pai dessa criança?

— Epiphania Corrêa.

A pallidez da moça tornou-se cadaverica e lagas de suor começaram a lhe descer da fronte alva e lisa como o mais bello márfil. Ardia-lhe n'alma o inferno; magnanima e forte, porém, conservava-se calma e senhora de si.

— Já vejo que lhe sobram motivos bem poderosos para que o senhor tenha deixado de vir á nossa casa. Entretanto, desconhecendo-os, eu

estava convencida de que o tinha offendido sem o saber e contra minha vontade. Esta convicção e ainda mais o receio de que o senhor poderia formar a meu respeito algum juizo desfavoravel tom me torturado tanto, que me vi obrigada a dar um passo que o senhor por certo não deixou de estranhar, dirigindo-lhe aquella carta.

— Nenhum motivo de offensa me podia ter dado a senhora D. Julia, que sempre se dignou de tractar-me com toda a delicadeza e bondade a que eu de certo não soube corresponder. — Quanto ao juizo que forme e formei sempre a seu respeito, minha senhora, é o que nunca se pode deixar de formar de uma pessoa cujas exemplares virtudes são por todos conhecidas. — Creia que o unico motivo, não digo bom, dizendo — unico — porque dois foram elles.

— Quaes? pergunta a interessante viuvinha com o mais vivo interesse.

— O primeiro, estou agora convencido de que foi puramente imaginario, filha da nenhuma confiança que deposito nos meus attributos pessoais, porque me persuadi de que uma joven senhora, assaz intelligente, espirituosa e de esmerada educação, possa jamaes encontrar encantos nas minhas visitas. — Fui-me a pouco e pouco persuadindo de que já me estava tornando importuno para com a senhora, tanto mais quanto ultimamente, sempre que eu vinha á sua casa, como que a sentia cada vez mais contrariada, esquivia e....

Um vermelho desmaiado cobrio por instantes a pallidez da moça. — Alberto continuou:

— E o segundo motivo é justamente esse venerando cego, que me procurou para eu apatrocinar a sua causa. Tanto, por amor d'elle, que é um d'esses homens cuja figura imponente e magestica infunde respeito e inspira ao mesmo tempo sympathia, como por amor da sua angelica filha, tão isolada no mundo, tão curtida de dissabores na quadra melhor da vida, quando para as outras donzellas da sua idade, que tiveram a dita de nascer na opulencia, a vida é um sonho encantado, e o mundo é a verdadeira mansão dos gosos ineffaveis, hei de envidar todos os meus esforços para que elle consiga, finalmente, a minha completa victoria na longa e renhida luta com a adversidade, e ella o esplendido futuro de que é digna pelos seus inestimaveis attributos.

— Proteste a tal ruina do judeu Samuel em favor, pelo menos, dessas duas victimas o espero que Deus me ha de ajudar.

— Sim, doutor, disse com sublime exaltação e commovida até as lagrimas a interessante moça, Deus ha de conjuvar em todos os seus generosos esforços. E creia, que, se até hoje o doutor me tem merecido a minha alta estima e consideração, de hoje em diante deverá contar uma sincera amiga e profunda admiradora das suas virtudes, conquanto para nada lhe possa prestar.

— Não conheço quem mais valioso prestimo possa ter, D. Julia, e ainda uma vez lhe digo que, se um dia eu lhe puder ser util em qualquer coisa, não deve ter commigo a menor cerimonia. — Estimei-a, respeitaei-a e apreciavei-a sempre, desde o primeiro dia em que tive a felicidade de a conhecer. — Para com a minha bella companheira de viagem serei sempre o mesmo.

— Obrigada, doutor, muito obrigada, disse Julia sem poder conter as lagrimas e os soluços não só pela entusiastica admiração, que lhe causava a heróica generosidade do mancoço, como porque via sempre desmarrado o esplendido castello de suas esperanças. — A infeliz, como já o leitor sabe, amava com frenetica paixão o filho de Constancio de Oliveira, esperava que o mancoço mais cedo ou mais tarde a amasse tambem. — Mas elle amava a encantadora Virginia e elle tinha plena consciencia de que fóra um crime hediondo perturbar a felicidade dessa virgim; entendem, portanto, que d'aquelle dia em diante devia esquecer o primeiro e unico homem que até então havia amado.

— Supremo era o sacrificio, mas suprema era tambem a força que o determinava e que o leitor mais tarde saberá.

Compungado das lagrimas e soluços da desditosa moça, approxinou-se d'ella e tomando-lhe as mãos entre as suas, pergunta-lhe com toda a sollicitude o mancoço:

— Sofre alguma coisa, D. Julia?

— Nada, doutor; sou nervosa, compungio-me profundamente o infortunio desse velho o dessa menina; mas, para attonnar esta dolorosa im-

pressão, basta a confiança que deposito na bondade de sua alma e na grandeza dos seus esforços.

— É um dever que todos temos o de socorrer mutuamente, segundo prescreve o Evangelho, D. Julia.

— Dever é esse que rarissimos são os que o cumprom porque o egoismo faz com que a maior parte dos homens, quando se acham na prosperidade, esqueçam absolutamente aquelle a quem a fortuna cega e caprichosa recusa os seus favores.

— Desgraçadamente assim é, disse Alberto, levantando-se; desgraçadamente o egoismo é o sentimento que predomina, com rarissimas excepções no coração dos homens e d'elle se originam todos os nossos defeitos, todas as nossas fraquezas, todas as nossas misérias.

— Adeus, D. Julia.

— Já se retira, doutor? pergunta ella levantando-se tambem.

— Tenho de dar andamento a certos negocios que me privam imperiosamente de estar por muito tempo gozando da sua sempre amavel e interessante companhia, minha senhora.

— Agradeço-lhe a generosa delicadeza das suas palavras para commigo, torna ella com doloroso sorriso e estendendo-lhe o braço e a assetinada mãozinha; — Adeus doutor.

Alberto sahio e foi direito á rua Fresca.

(Continúa)

## O espirito

(CONT.)

I

— *Domineus tecum!*

Assim disseram oito ou dez pessoas que estavam assentadas á porta do Sr. Bazilio da Purificação, em cujo immenso nariz arava de fazer explosão um estrondoso espirito.

O Sr. Bazilio da Purificação, que ouvira pousos cincoenta e cinco annos, era o professor da villa, e esta não tinha habilitante mais toquaz, n'as paragens, nem mais cômodo do que elle. Forte em historia sagrada, adabava a conversação com episodios da mythologia e alguns factos da historia universal, fazia citações em latin, repetia uma vez por outra algum verso dos *Luziadas*, e dizia muita coisa por sua conta e risco e de lavra propria, com ares de quem dava amostras de sua variada instrução. — Um facto qualquer, o menor incidente, uma palavra, um gesto, tudo era para elle occasião para uma dissertação; e si um facto, um incidente, uma palavra, um gesto não lhe era proporcionado por quem quer que fosse, elle achava sempre um — a propósito — para dissertar, inda que lhe fizesse preciso fazer como aquelle sujeito que, querendo falar de uma espingarda do cego que havia comprado, perguntou, fazendo gesto de quem tinha ouvido alguma coisa, que ninguém ouvia, nem elle mesmo? — ouvia um tiro? —, e continou em seguida — por fallar em tiro, comprei uma espingarda, etc. etc., etc., e disse tudo quanto quiz a respeito da arma de que tanto desejava dar noticia.

Não admira, pois, que o Sr. Bazilio da Purificação, aproveitando, para pretexto de uma dissertação sobre o espirito, a circumstancia de ter ficado muito corrido e confuso Manuel Panerico, de quem depois esboçaremos o retrato, por ter sido o unico a dizer: — Deus vos salve! — no meio do côro geral de todos os outros que disseram: — *Domineus tecum!*

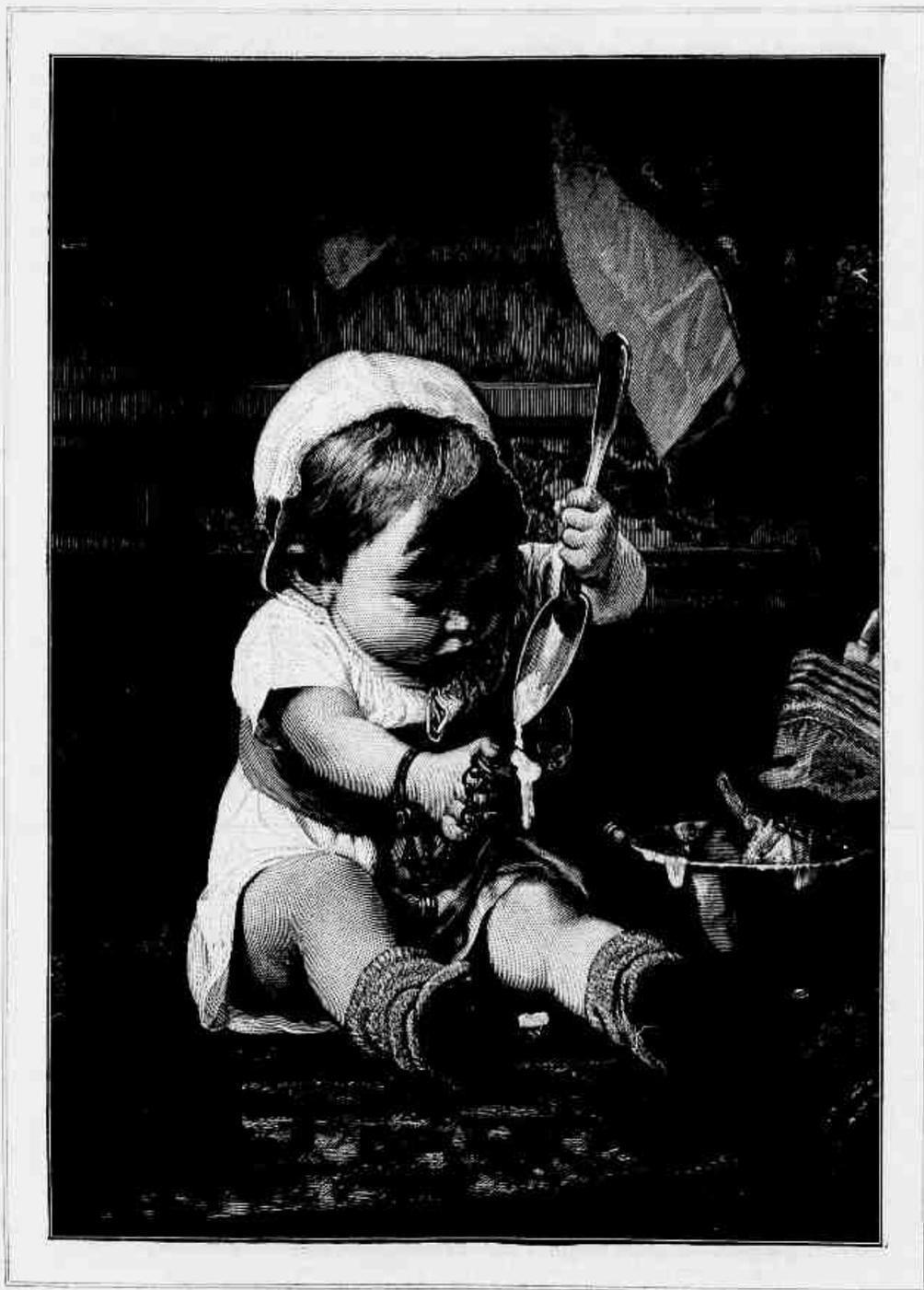
Com effeito o professor, percebendo a confusão de Manuel Panerico, principiou:

— Não tons de que ficar corrido e envergonhado, Manuel Panerico; disseste «Deus vos salve!» e disseste muito bem. — Deus vos salve! — *Domineus tecum!* — são uma e a mesma coisa, é o mesmo voto expressado em duas linguas diferentes, o portuguez e o latin. Não terias errado até, si tivesses dito simplesmente: — viva! —

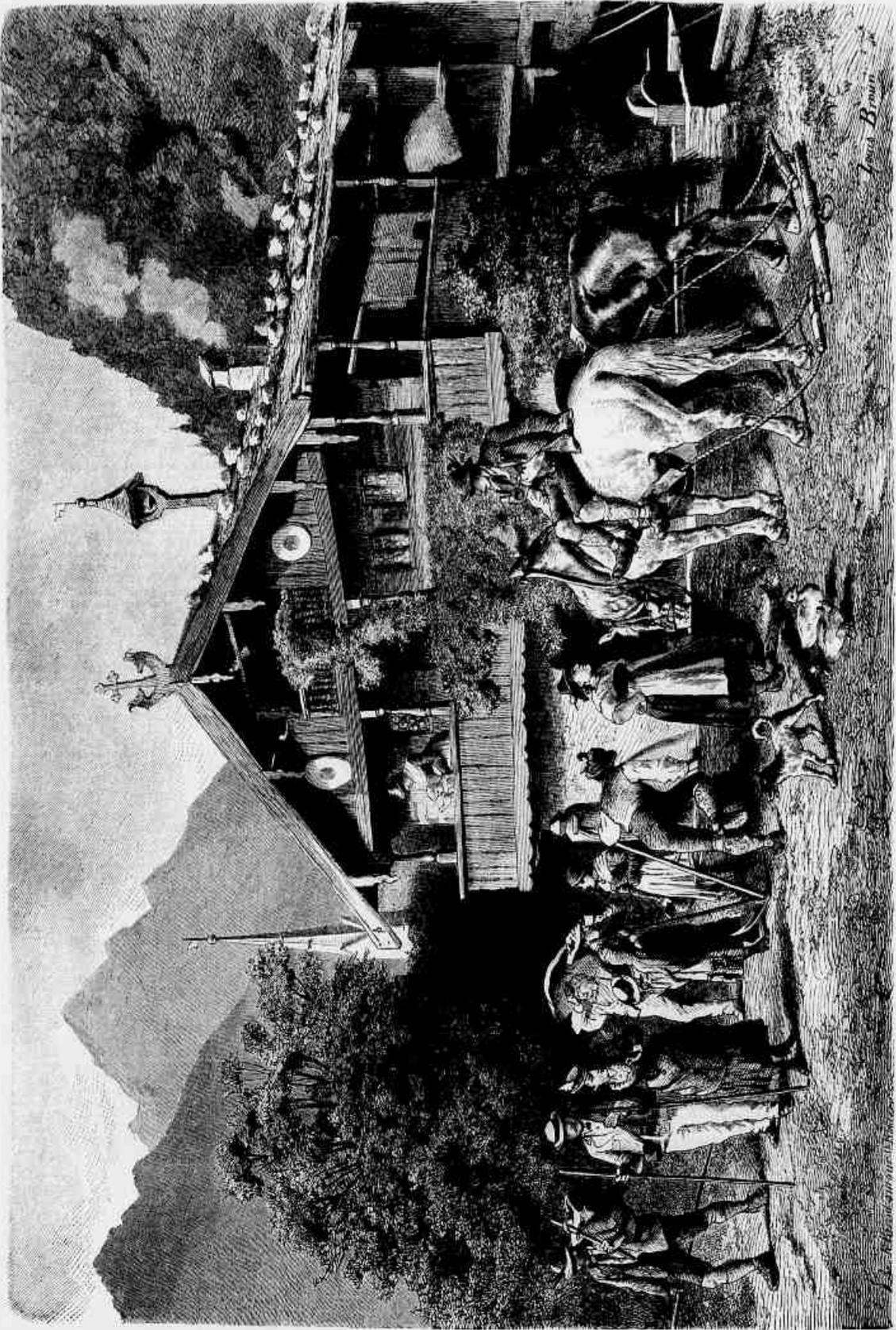
«O costume do favor votos em favor de quem espirita vem da mais remota antiguidade, e se encontra entre todos os povos. É isto ponto assentado, e comprovado pela historia. Acreditado até que, si Adão alguma vez espiritou, antes de ser-lhe uma casella transformada em Eva, os passaros do Eden cantaram em côro, dizendo: *Domineus tecum!* no sua linguagem harmoniosa o dôco.

«O que, porém, ainda não está bem elucidado, e sobre que ha controversia, é a razão porque o espirito ha de dar motivo e oportunidade para esses votos. O grande Aristoteles occupou-se do estado deste problema physiologico, e disse por fim: — *O espirito sem do cerebro, movida de nossa intelligencia, e por isso é natural que nos inclinemos diante de uma manifestação qualquer da parte mais nobre do homem.* «Um certo historiadôr explica, porém, a origem desse velho costume, referendo que pelo seculo XIV grassou em Roma uma epidemia, cujos primeiros symptomas consistiam em delonacões nasas, e que logo que qualquer pessoa espiritava era caridosamente obsequiada pelos vizinhos ou presentes com um — Deus vos salve! — Pela minha parte, me inclino mais á opinião de Aristoteles, tanto mais quanto o historiadôr do que fallei remonta-se apenas ao seculo XIV, quando, como já disse, é provavel até que Adão tivesse tido o seu — *Domineus tecum!* — no Paraíso.

«Seja porém como for, o que é certo é que por toda a parte e desde remota antiguidade o «Deus vos salve!» e suas variantes estão em moda. Os Chins, os Japonezes, os Patagões, os Holandeses, os Siamoeses, todos os povos do mundo, enfim, fazem votos em favor dos que



UM MOMENTO SOZINHA



TOCHISTAS NAS MONTANHAS DO TYROL.

espiram. Tenho até idéas de ter lido, não sei onde, que um viajante ficou muito admirado ao ouvir os selvagens de um país bárbaro em que penetrara resumirem a um seu espirito de seguinte modo: — «O bom genio vos guarde» — e creio que os nossos índios também recomendam a Tapas aquillo que espira.

Omitimos aqui, por não vir ao caso, uma digressão que fez o Sr. Bazilio da Purificação para alertar a um dos circumstantes, que lhe perguntara a significação da palavra Tapas, apesar de recusarem todos interromper o professor, já porque este não gostava de apertar, embora nunca lhes negasse resposta, já como medida de cautela contra o estrado discursivo em que esta importaria.

O Sr. Bazilio da Purificação continuou: — O que, porém, com certeza, vós não sabem, e eu posso a referir, é que o espirito também é tido, e o foi principalmente na antiguidade, como um presagio. Este era bom, si espirava a propria pessoa que tinha um desejo, ou outra que se interessava pela realisação d'elle; era, porém, má, si quem espirava tinha interesse em que tal desejo se não realisasse. E tanta importância o tal robusta fé ligavam ao espirito, que este era muitas vezes motivo de grande alegria ou profunda tristeza. Homero refere que Penelope, desesperada por ver seus numerosos pretendentes roubarem sua casa, desajava a prompta volta de Ulysses, além de acabar com tal insolentes parassitas; e que ouvindo Telemaco espirar, exclamou: «Os deuses sejam louvados! eis aqui um presagio que me annuncia a proxima chegada do meu esposo.» Si um vez de Telemaco, fosse algum dos pretendentes que tivesse espirado, a bella Penelope teria dito: — «Eis aqui um tale presagio! Estou perdida, Ulysses não volta mais!»

— O exercito do Xenophonte, ouvindo o espirito de um soldado, quando o general lhe dava esperança de salvação, voltava-se para o oriente e de joelhos deu graças a Jupiter Salvador. Entre os Romanos este era tal o que inspirava o espirito, e tanto era tido como infallivel presagio, que nos áculos judicarios e quaesquer combates era a luta declarada desigual e por isso não se verificava, si um dos contendores espirava. Entre nós também o espirito é de bom agouro, ou pelo menos um feliz symptoma, pois costuma-se dizer d'elle: — «É signal de snido.»

O professor fez uma pausa, enquanto sorveva immensa pitada, e continuou: — Assim, pois, meus amigos, quando tiverem algum desejo, o espirarem, ou alguém que por vós se interesse, podem exclamar como Penelope: — Louvado seja Deus! em aqui um bom presagio! — mas, si, ao contrario, espirar quem se opponha a esse desejo, a tempestade está imminente, e então podos dizer:

«Uma nuvem, que os ares escurece,  
«Sobre nossas cabeças apparece!»

O Sr. Bazilio da Purificação acompanhando estes dois versos dos *Livingstons* com uns gestos tão ao vivo e expressivos, que Manoel Pancreacio, quasi assustado, voltou os olhos para os ares, onde, felizmente, em vez de alguma nuvem que os ares escurecessem, viu, ao contrario, a luz clara e brilhante a deslizar-se por um céu azul.

— Eis tudo quanto posso dizer-vos e quanto sei sobre o espirito, — continuou o professor em tom de quem perorava —segundo eu e elle uma manifestação da intelligencia do homem, segundo outros um symptoma de molestia, e entre muitos povos um presagio; e que, porém, não soffro duvida á que o *Domias tecani!* e outras phrases equivalentes são ouvidas em todo o mundo, onde ha nariz e onde se espira.

a Sinto, —acrescentou com gestos de quem queria deixar perceber a mais sincera modestia — que os meus estudos não me permitam maior desenvolvimento do assumpto, que a muito mais se presta; disse porém tudo o que sabia, e como diz *quod non habet, se plerumq. habet.*

Uma orchestra de rancos *haxex* ovio-se distintamente apenas cosso o larvalha da voz do professor; eram os circumstantes que dormiam, e faziam, com certa propriedade, duas arizes, logo dos applausos a um discurso que tinha servido sobre o espirito.

Vi o sr. Bazilio com acerto do attento, e não perdeu uma palavra sequer da dissertação do professor; já Manoel Pancreacio.

II

Manoel Pancreacio era um simplicio, o espirito mais egotista de toda a villa, sempre de boa fé com todos, e todos ao sagazaram; quasi que não se passava um dia que não lhe precassom alguma pena; para elle todos os dias, a contar do 1º de janeiro a 31 de dezembro, eram 1º de abril. E, como elle tinha a mania do nomenclar a quantas mezas via, principalmente as que por sua posição e chareres podiam proporcionar um bom arranjo, perdidos em casamento logo depois do primeiro encontro, e até sem que o encontro tivesse havido; quasi todas as penas que lhe pregavam referia com-se a namorado ou casamento. Um dia sumaram até o rapto de uma maça, que lhe tinha sido recusado, e o casamento, a luz notis em uma sala pouco illuminada, se pederelido elle, no meio de estronhasas vaia, que tanto o movia como a padre am fim rapazes dos que costumavam divertir-se a sua casa, quando in já caminho de casa, conduzindo muito afano a noiva pelo braço. No fim os rapazes acabavam sempre protestando nunca mais tratar com elle, faziam-se as pazes, e na primeira oportunidade ahí vinha elle outra vez comuntar um segredo, uma puxada, ou pedir conselhos para realisar alguma ocuquia.

Quando no physico Manoel Pancreacio era tão pobre como quanto ao moral. Seu retrato pôde resumir-se assim: — pretinho, magro e feio, não tão fino como o peccado, mais decididoamente mais do que uma *simply culpa*.

Sem embargo de tudo isto, porém, Manoel Pancreacio possuia qualidades que recomendavam, pois, tinha a melhor coraçao do mundo, e era muito serriq. e trabalhador.

Imaginemos os leitores, que agora já o conhecem, o quanto ficou elle impressionado, com a dissertação que sobre o espirito fizera o professor.

Manoel Pancreacio quasi não pôde conciliar o sono durante toda a noite, pensando no espirito, e principalmente muito

profundamente convencido de que essa dotoação do nariz era um verdadeiro e infallivel presagio. Só pela madrugada conseguiu adormecer, e, quando o dia clareava, acordou sobressado, sabendo que tinha espirado.

E a dissertação do professor foi uma verdadeira desgraça para Manoel Pancreacio!

Depois de mil recusas, soutindo necessidade urgente de casar-se, porque já lhe a crescida a idade, modificou suas pretensões, e encontrou logo noiva na filha de uma vovoa paraperitina, a qual, depois de alguma resistencia porque tinha inclinações para outro, cedou aos conselhos de sua mãe, que desejava vê-la amparada pelo casamento com um homem trabalhador, como era Manoel Pancreacio.

E já propozes se faziam para o casamento, quando veio residir na villa uma familia, em cuja casa havia uma noiva que pôe em campo todos os pretendentes a marido, não só por causa da sua belleza, como tambem em razão de seus haveres.

E o casando dizer que Manoel Pancreacio, apesar de já comprometido, mas sem ter renunciado a esperança de um casamento vantajoso, inserveu-se na lista dos pretendentes, occultando porém a sua pretensão áquella que já era tida por todos como sua noiva.

Foi justamente tres ou quatro dias depois de ter ouvido a dissertação do professor que entrou-lhe na cabeça a ideia de casar-se, e quando elle, de volta de um longo passeio, fizo expressamente para ver a noiva pretendida, trepidando-se e encolando-se ao suor que lhe corria em lagas: — «vou pedir a sua mão» —, espirou.

Manoel Pancreacio tom um pulso de contente, e poz-se como um longo a saltar no meio da casa. Quanto mais elle saltava e gesticulava, tanto mais espirava, e sua alegria crescia na proporção da numero dos espiritos. Era então noite, e Manoel Pancreacio, prostrado pelo cansaço e pelo excesso da alegria, foi deitar-se, e passou toda a noite espirando. No dia seguinte acordou e que tinha sido, muito confiado no presagio dos espiritos, e que tinha sido, muito confiado no presagio dos espiritos, e que tinha sido, muito confiado no presagio dos espiritos, e que tinha sido, muito confiado no presagio dos espiritos.

E, para maior ludíbrio, o destino fez com que elle, depois da recusa, espirasse desapercebadamente e cahisse na cama, victima de um tremendo delirio.

Quinze dias depois, ouvindo ruído de sinas, sahio elle á rua, pallido e ainda fraco, e quando se aproximava da casa da noiva, entrava n'ella sua ex-novoa pelo braço d'aquella, que corria o risco de ser prejudicado por causa d'elle, e que tinha sido o motivo das resistencias da noiva aos conselhos maternos. Acabavam do casar-se na capelinha da villa.

Manoel Pancreacio quasi morreu de desgosto, mas por fim resignou-se, e, embora bastante velho, e sempre solteiro, vive ainda.

Quando hoje alguém lhe pergunta, si os espiritos são effectivamente um presagio, elle responde:

— *Ô sr. ô!* E' presagio infallivel de.... delirio.

F. D'ACELIA.



H. Stanley

DO MODO, POR QUE DEI COM LIVINGSTON.

CAPITULO VIII

REGRESSO A OCUIANA

Farmoso Casandri! terra de enlivos! A que poderei eu comparar o encanto selvagem de tua feada e livre natureza? A Europa em nada se te pode igualar. Só na Mengoela, na Indrilha, na India e no Oceano, não te encontro rios tão esplendidos, tão pitorescos, tão felizes collinas, tão esplendidas montanhas, tão vastas florestas, tão magnificas alamedas em solennes rangas de grandes arvores, cujas colunas rectas e nuas formam longas perspectivas, onde a vista se vai perder. Que puzença, que simplicidade de vegetação! E ali tão generoso o solo, tão seductora a natureza que, não obstante os effluvios mofinosos, que d'elle se exhalam, atrahem-nos essa região, d'onde não pava civilisado expellia a malaría, tornando-a tão salubre como productiva.

Enxarcavam-se-nos os riveiros; entretanto, apesar dos esforços de Assumi e das indicações dos esclamados, que havia na caravana, persistiu em não ter outro guia, além de minha bussala e em não consultar senão o meu mappa, e que sempre me inspirou confiança.

Nem um raio de sol se mostrou sequer enquanto caminhavamos silenciosos desfilando por bosques, atravessando brechos, passando correntes d'agua, galgando escarpadas cimeiras e, desendo ao fundo dos rios.

Espeça bruma envolvia a floresta agitando violentamente a chuva; e o céu offerencia-se-nos á nossa vista como um acervo de cinzentos vapores. O donde, porém, confiava em mim; e pois prossegui na encelada rua.

N'uma tarde, apenas acampados, foram nossos homens em busca do alimento. Descobriram na vizinhança um ramo de *amogoua*, cujas frutas se assemelham á ameixas; abundavam nos arredores os cogumelos; mas isto servio apenas para abrandar a devoradora fome da companhia.

No dia seguinte tornam-se mais crucial a posição. Carpa eu a sorte de nossa pobre gente, tanto eu tínhas do que ella propria.

Dava signaes de agastamento no momento em que eu caia a ponto de perder o animo e a se deitarem no chão, o que equivaleria á morte d'elle. Nunca lhes quiz tal, nunca os despeztei; pelo contrario sentia-me orgulhoso de tê-los por companheiros de aventuras e perigos. Mas o desaninho fôra suicida; cumpria mostrar-me surdo á suas queixas e não hesitar. O simples facto de persistir em não me deixar da rota produzia em seu espirito maravilhoso effeito; e, posto de seoha e arregrado á com voz gemente, seguiam-me com tão segura confiança, que no comoviam e perturbavam.

Felizmente tomara-lhes eu a dianteira e depois de ter vencido um nativo vi justificados as minhas pretensões.

Ao meio dia tínhamos reconstruido nas possesões do nosso antigo campo, perto de Inga; acudiram em multidoes os indigenas, trazendo-nos viveres e dando-nos os emboras pelo nosso regresso.

A maioria da caravana só muito tempo depois appareceu chegando e resto ainda mais tarde.

Grande foi a admiração do guia, vendo que a bussola soubera tão exactamente o caminho. Declarou solemnemente que ella não podia mentir; mas a opposição, e que elle ao principio fizera á pequena machina e lhe abalara para sempre o credito, de que para com os seus camaradas gozava.

O dia seguinte foi de repouso; todos precisavam re-focellar.

A 18 de Janeiro de 1873 puzemos-nos em marcha e a 19 chegamos a Mponoua.

Effectuava-se grande mudança depois da nossa passagem; podiam em *houques* a beira da estrada os cachos de uvas; estava o milho de vez; abriam-se em flores as plantas para a amantiga e as verduras vigavam mais que nunca.

Passamos profunda corrente d'agua á travessagem em seguida a orla correspondente, achando-nos embo na extremidade de um bosque, onde fuo chrigado a andar de rastos. Após meia hora d'este exercicio, cheguei a cento e quarenta passos de distancia de uma alameda de zebras, que brincavam e se moviam á sombra de uma grande arvore.

Ergui-me subitamente, despertando-lhes a attenção. Mas a carabina, que estava ao hombro sóu; Bong, bong! e duas bellas zebras, uma de cada sexo, cahiram aos dois lados. Eu menos de dez minutos formei esses animaes mortos e doze de meus companheiros acudiram, manifestando sua alegria por um fluxo de cumprimentos, dirigidos á carabina e alguns, muito posados, ao escalar.

Voltando do campo, recebi da Livingstone emboras, que tomei no devido apreço, porque elle era entendedor. Esfoladas e retalhadas, deram-nos as duas zebras frescas e vinte seis libras de carne. Repartidos entre quarenta e tantos, que eramos nós, coube a cada um uma porção de sete kilos.

Expandiram-se todos em jubila e Bombay, mais que os outros; pois sentira na precedente noite que eu, com duas balas, matara dois animaes; e quando elle, com uma parte com a maravilhosa carabina ficou tão certo do bom exito da plantação caçada, que disse a seus companheiros se me remisssem ao primeiro tiro sem esperarem o signal conveniçao.

No dia seguinte errei logo sobre duas grafias. Livingstone attribui esta minha infelicidade ás balas de chumbo.

Que precioso companheiro de viagem! Não foi essa a primeira vez, que eu tive occasião de avaliar-o. Ninguém, melhor que elle, sabora cercar-vos de um roveo ou exaltar-vos a vossos proprios olhos. Mata uma zebra; e este animal é a primeira zebra da Africa; Oswald, o grande caçador, e elle mesmo (Livingstone) ha muito tempo que assim o declararam.

Mato agora um bufalo? \* E o melhor da especie, diz elle; como está gordo! Vale a pena guardar-lhe os quamos para amostra.

Volto com as mãos vazias. «Não é de admirar, exclama; a cada anda espartidica a estação é má, e nossos companheiros fazem barulho; quem pode apunhar animal, que se espartido? Diz tudo isto, em tão sincero accento, que me consola com seus elogios, fazendo-me esquecer os reveses.

Passamos o dia seguinte no mesmo lugar. Não nos permitiam levantar lenca ás feridas, que o doutor fizera nos pés; meus cambaheos estavam tambem muito pesados e fuo chrigado a abrir *janellas* nos sapatos para poder andar.

Não obstante, era mister porem-nos em movimento para escapar. O zinco e meus pebeis tinham sido derretidos e misturados ás minhas balas, que cada vez se tornavam mais resistentes e solidas. Parti, acompanhado do nosso espartidular de caça e d'um inoco d'armas. Nada encontrando no planície, galguei uma leve continencia, e cheguei a um tanque herboso, onde se espantiam centenas de *hipopotamos* e *de simomas*. Note girafas tosvam a folhagem destas ultimas. Dei-me-me na relva e, escondendo-me por traz dos ferrugueiros, aproximei-me dos desconfiados animaes, antes que seus grandes olhos me descobrissem. Mas, á creza de cento e cinquenta metros, tornouse a relva menos basta e mais curta, sendo-me preciso parar.

Tomei respiração a ponto ebrio; encluegi a frente e agist permaneci por algum tempo. Bilali e Khamisi, dois negros, que me seguiam, fizeram o mesmo. Era-nos preciso não só tomar um pouco de descanso, como tambem recolhermos-nos da commoção, produzida pela vista desta caça real.

Aguei a pesada carabina; examinei-lhe os cartuchos; letante-me e pul-a ao hombro. Apontei com attenção e bairri a arma para regular a mira. Tomei a fazer pontaria, por muito tempo, e abaixei de novo a carabina. Uma das girafas volta a cabeça; desta vez partiu o tiro e fui-lhe a bala direito ao coraçao. Cambalou o animal; partiu a galope, indo cahir a dizenzas passos, mais ou menos, vertendo oitros de sangue negro. Arabei de mala-á, mettendo-lhe outra bala na cabeça.

«Deus é grande!» exclamou entusiasmadamente Khamisi, o espartidular, que em tudo isto só via que tínhamos caçado.

Fui no dia seguinte atacado de um violento accesso de febre, que durou tres dias, durante os quaes fui-me impassivel sahir do leito.

Pudemos, enfim, partir, e a vinte e sete puzemos-nos a caminho para Misonghi. Em cerca de meio percurso vi debondar-se a caravana progressivamente, homem por homem, desde o primeiro até o ultimo. Começou a escocetar o burro, em que eu ia montado, o que era devido a um exauste de respaq, que estur elle mho, sentida eu tambem no rosto no cravos formadas de tres ou quatro dias.

Por alguns minutos levavam um vertiginosa disparada homens e animaes.

Temendo casasse a Livingstone o acompanhar-nos, por ter elle os pés ainda muito moçoados e por ser excepcionalmente mais longa a jornada desse dia, mandei-lhe quatro homens com uma pahlola. Mas o valho herdo não quiz deixar-se carregar e chegou galbardamente, tendo addido seus

vinte e cinco kilometros. Tinham-lhe coberto sobre a cabeça as roupas; trazia a cabeça e o rosto em um saco estalado; logo, porém, que saiu a rua chorou de dor, ficou de lá ou bon humor, que parecia sentir-se fadiga e esgotamento.

Em 13 de Janeiro estavam em Maré, cujo chefe era Ka-Murambi. Encontramos ali uma caravana dirigida por um escravo de Sid ben Habib. Vio esta escrava fazer-me uma visita em nossa cama, occulto no fundo de nossa porta.

Depois de tomar café a visita, pedi-lhe noticias do Graugombá.

« Tenho-as muito boas, respondeu elle.

— Como vai a guerra?

— Em excellenté fé. Ah! Merambá! onde estará elle agora? Responde talvez a comer o couro de animaes; fustão e segura pela fome.

« Sid ben Habib apodera-se de Kerra. Trocaram os Arabes as portas de Villambrague, Medjid, que chegou em vinte dias de Djeddá e Sagui, trouxe a vida ao rei Moth, Simba, de Casera, pegou em armas para defender seu pai, Meshouba Graugombá. Foi o mesmo chefe de Goumbá com quinhentos homens. Açah? Merambá! Onde está elle? Terá morrido de fome dentro de um mez.

« Não recuento graves e espantosas essas noticias, amigo.

— Sim, certamente, em nome de Deus.

— E onde vás com a tua caravana?

— A Djiddá. O filho de Medjid, ultimamente, chegou, contendo-me que um homem branco ali chegara não só salvo por um camello, que alle não andava; puzemos então que esse camello, bom para o branco, se-lo-hia igualmente para nós. Contamos de homens seguros agora o tal camello para ir com o Djiddá.

— Foi em quem o abrisse.

— Não. Não é possível; o homem branco deixou-se matar combatendo com os habitados de Zavra.

— Foi Njra ben Bhamu quem isso lhe disse, meu amigo. Mas eis aqui, continuou apontando para Livingstone, o meu amigo o homem branco, meu pai, com quem fui dar em Djiddá, e que veio comigo a Graugombá para receber suas fazendas; e voltou depois para a grande agua.

— E' assestado?

— Que me diz, de um companheiro, que deixei em Goumbá, em casa do filho de Sulin, casa que foi minha?

— Marro.

— Dizes a verdade?

— Nada mais verdadeiro.

— Ha que tempo?

— Ha dois mezes.

— De que marro?

— De febre.

— Marrou mais algum de minha gente?

— Não sei.

— Basta, marroes. E o escravo retiram-se.

« Bem lho dizia eu, observou-me Livingstone, em resposta a meu olhar lastimoso.

« Os beliceros, bem como os de vossa mar podem virer nesta região.

« Pobre Sharf! Era um máo homem, pois suspeito que me quiz matar; no entanto entristeceu-me sou desgraçada lei.

Quando ao doutor, apozar do arvalha, da chuva, da nevotaria, do cansaço, dos pés lacerados, curra com um heros. Eu admira a maneira, pela qual elle maninha suas facultades digestivas; esforçava-me para matul-o, mas embalde.

Livingstone é um viajante de máo chuma. Tem profundo conhecimento de todas as coisas; conhece cunhedos, arvares, animaes, terrenos, fauna, e flora, e sua ethnologia e um pouco meliogeal. Um a tudo isto immensa penão; depois de mil recursos nos pensos; sabe milhares de mezas e de segredos para as jornadas e para as relações com os indigenas; de tudo está elle ao facto.

« Sou leito, e a cada preparo elle preside todas as noites, vale um roxão classico de cruz. Eis o processo: duas varas, de sete a dez centimetros de diametro, são antes de tudo collocadas paralelamente á sessenta centimetros um do outro; sobre estas varas são postas de travez flexiveis sarrafas, da largura de noventa centimetros, especie de leito de campainha, que recebe espessa camada de relva; tudo isto é coberto com um panno de lino impermeavel, sobre o qual se estendem as cobertas. E', pois, digno de um rei este leito.

« Foi por conselho delle que eu trouxe do Djiddá estas alm de ter leite para o chá e para o café, de que os grandes escamudadores, tomando cada um seis ou sete chazonas em cada pozão.

« Em conclusão tinhamos a musica; musica alguma tanto rudo é verdade; e mas antes isso que nada—eram os ganchos melodiosos das porquitas de Muzema.

« Entre Maré, além de Ka-Murambi, e a toguini de Gaebama, grave, n'uma arvora a outra de Livingstone e a minha com data do dia: 2 de Fevereiro de 1872.

« Alguns dias depois, impaciente por andar á caça em terra onde havia tanta veação e de toda a especie, tomei café ás pressas, expedi a Ma-Magréra, amigo do peudo nome, um par de homens, carregados de presentes, e fui percorrer o parque, acompanhado por meus habitans criados.

« Não tinhamos ainda vencido cinco metros, quando puzamos ao ovir em *lira* de vozes rugidas, que partia de um sitio a cincuenta passos. Armei instinctivamente a espingarda, esperando um ataque. Poderia um leão bater em retirada; mas de tres eza impossivel suppôr isso.

« Investigando com o olhar os arredores, vi a alcance de tiro, um soberbo *ouso*, que estremeceu junto a uma arvora, como si já sentisse no dorso a garra do leão. Bem que estrivasse com o facinho voltado em direcção opposta á minha, ouvi-lhe uma bala. Bem prodigioso pelo; diria-nha que tentava escalar n'um voo a espessa folhagem; lançou-se em seguida pelos arcos, do lado contrario áquelle, em que haviam soado os rugidos. Pelas sanguinolentas rastas, que deixava, via-se que fôra ferido; perdo-o, porém, de vista, bem como aos tres tozes, que depois de curto silencio, foram-se em paz. De então em diante deixei

de considerá-lo como rei dos animaes, e de dia deixava-me tanto de seus rugidos, como de carpir das tozes (1).

« A 14 de Fevereiro chegamos a Goumbá, onde fomos logo confortavelmente estabelecidos em uma casa, que o respectivo regido nos emprestara. Esperavamos ali Fera e Thompson com Sarimán e Dabid; ta de a chegar lembrá-se de que estes dois ultimos tinham sido enviados a Zanchar, em busca de dezgas para o infeliz Shaw.

« Não me traria Sarimán nenhum de seus massos de ferros e periodicos, que me haviam deixado em casa diferentes chefes do caravana, e mandava as promessas, por elles feitas ao consel. Em um desses massos encontrei duas ou tres cartas do Dr. Kirk para Livingstone.

« Antecelava-se a massa poria comparta multidão, cheia de insubriavel admiração por causa das enormes folhas. As palavras *Kibber-Kibber* por metonymia do paudo bramido eramviam entre os espectadores, que momentaneamente perguntavam que noticias podiam ser essas em tão prodigiosa quantidade. E elles exprimiam a vontade de que os poucos herossem eram *salvo* sem um máo habito, isto é, muito arcos, muitas perspetivas e muita habes; a palavra *—mái*— frequentemente usada nesta terra para significar « mais alto voam».

Partimos de Goumbá a 14 de Fevereiro e entramos a 18 na valle de Caillara, que sepeceava n'esses termos. Havia 23 dias que tinhamos saído de Djiddá e El; que deixara eu esse mesmo valle, sem saber se poderia atingir a metade de minha viagem.

« Tornava-se difficil de andar, em cujo encosto andava, e minha pessoa realmente affigida; muita sensivel de que no momento, em que estivesse, sem companhia de Livingstone, na minha antiga casa, no meu antigo quarto, dizendo-lhe: « Estamos em nossa casa, Doutor.»

(Continua.)

PELA TRADUÇÃO DE F. DE ALMEIDA.

Adorno de Lamartine

BENVENUTO CELLINI

(Continuação.)

XVIII

« Ao chegar Cellini a Fontainebleau, apresentou-o, pela segunda vez, o cardinal de Ferrara a Francisco I.

« Viajava eu que estado allora elle a corte.

« Dominava no rei o amor pela riqueza d'Estampes.

« Anna de France, da casa d'Estampes, antes conhecida pelo sobrinho d'Helly, amante de Francisco I, nascida em 1568, era dama de honor de Luiza de Saboia duquesa de Angoulême, mãe de Francisco I, e contava 18 annos quando este principe se casouva lousamente della. Casou-o rei com um tal Joao de Bressé, e deu-lhe o condado d'Estampes, que para elle elevou a ducado.

« A duquesa dominou a Francisco I por 22 annos; ella pertencio a corte e o reino a familia real por mezo do seu oho a Diana de Poitiers, amante de Bellon. Atrocizando o rei pela revelação de segredos d'Estado, foyvencio os planos de Carlos V e Henrique VIII, no intuito de deprimir o Delfino, encarregado de combater no dois acouarchas, ficando por ultimo Francisco I a assignar o oneroso tratado de Crepy.

« Gostava das artes e dos artistas, tanto quanto o seu real adorador se favorecia.

« Aqui reproduzo a narração da primeira audiencia, concedida a *Benevenuto* por Francisco I.

« O cardinal participou a minha chegada ao rei, que deojei responder-me por palavra de benevolencia, proprias de seu caracter. Examinou, em seguida, os dois vasos, dizendo que não acreditava haver na antiguidade artefactos, tão perfeitamente embelezados, excedendo, tudo, que de mais raro vira na Italia. Fallara elle em francez ao cardinal e, voltando-se para mim, disse-me em italiano: « Descansai, *Benevenuto*, a divertivi-vos por alguns dias. Vou dar-vos que fazer.»

« Pouco tempo depois, á instancias do cardinal, marcou o rei a *Benevenuto* o modico honorario de 200 escudos por anno, indigualmente por essa sovania, preparou-se *Benevenuto* soavelmente para partir. Sabendo disso o cardinal, mandou-o chamar, e da parte do rei offerceo-lhe os mesmos vencimentos, que dera a *Leonardo da Vinci*, isto é, cem escudos de ouro por anno, além de importe de todas os artefactos, que lhe fossem pela obra encomendadas. Veio Francisco I visitá-lo no dia seguinte e incumbio-o de fundir e lavar para sua noiva dez canhões de prata, representando seis deuses e seis deusas. Deo-lhe por laboratório o palacete *Neste*, terreno occupado depois pelo palacio do cardinal Mazarino, e hoje Academia franceza.

« Oppoz-se a essa commissão o Sr. Villebon, que estava morando n'esse palacete. Foi *Benevenuto* queixar-se ao rei. Francisco I espedio-se das suas beignes:

« — Quem és? perguntou-me.

— *Benevenuto*, respondi-lhe eu.

« — Se és *Benevenuto* de quem tenho ouvido contar tantas façanhas, procede como entenderdes; dou-te carta branca.

« — Basta que V. Magestade me conserve as suas boas graças, replicou; não se me dá do resto.

(1) Ha, com effeito, certas anadidas, que parecem provar ser o leão meoz temivel da que o pinto a tradição; leo-solado, todavia, outras noticias de modernos viajantes, que demonstram não ser leão de perigo o encontro com esses animaes. V. de S. Agostinho no Sul da Africa, por Th. Baines, pag. 210; «do Natal no Zamboues, por Baldwin, pag. 31 e 32. «Explorações na Africa Austral, por Livingstone, pag. 20.

« — Pois vou-te sempre com ellas e vai em paz, disse-me elle sorrindo.

« Deu então ordem a um dos seus escudeiros, o Sr. Villeroi (1), para que me desmontasse em processo. Era elle secretario mudo amado do preboste, dono do palacete, respectivo grande castello antigo, de forma triangular, contiguo ás murallas de Paris. N'umha soldado estava do guarda no palacete. Acasalhou-me o Sr. de Villeroi procurasse outro edificio, porque o preboste, homem poderoso, poderia mandá-lo tirar a vida. « Vin do Italia á França, respondi, para servir a seu grande principe, e não tenho medo da morte, que cedo ou tarde ha de vir.

« Era o Sr. de Villeroi homem de ingenho, riquissimo, admiravel em todas as cousas, mas meuz secreto inimigo. Pize-me elle á volta um tal Marmagne, thesorero da provincia do Linguadois, que tomou logo o melhor aposento da casa. Debalde lhe observei que o rei me concedera aquelle palacete para minha morada e de meus sepaços, e que eu não admitia ali ninguém de fora; o sujeito que era soberbo, zozado e violento, respondeu-me que havia de fazer e que bem pagaria e que opporem-o á sua vontade e á do Sr. de Villeroi era a mesma que baterem com a cabeça de encontro a uma parede. Adverti-lhe que o rei era mais poderoso, que o Sr. de Villeroi; e do rei me viera a dadeza daquella casa.

« Então disse-me ferozes muitas injurias em francez e em italiano com outras em italiano; vendo que elle levava má a espada, que era muito curta, tirei tambem a minha, que era muito comprida, e da qual nunca me sepaçava. Observando que seria homem morto si fizesse a mais pequena movimento. Estava elle acompanhado de dois trechos e de dez ou onze rapazes.

« Atrometado, disse-lhe eu, sobre esses dois palafes, matá-los, si puderdes, o quando eu tiver morto o meu, paravamos. Marmagne, vendo a minha resolução, deu-se por fôrta em salvar a vida. Narrei logo por escripto no cardinal tudo o que se acabava de passar; o cardinal foi contá-lo ao rei, que se affigiu em extremo com isso e remediou-me na cidade do Vêves, o qual se desfer em attenção por commigo.

« Tal era a anarchia total da administração em França. « A protecção do rei, ignorando-me consideração de todos, foyvencio a dadeza necessario para as estancias, e comerei pela de Jupiter, que estava já muito adelantada, quando o rei voltou a Paris.

« Logo que ella me viu, perguntou-me si eu he podia mostrar alguma trabalho de minha officina, por que elle queria visitá-la.

« Respondendo-lhe eu que lhe faria a vontade, neste mesmo dia depois da jantar, Sua Magestade, dignou-se li he ter acompanhado da Sra. d'Estampes, do rei e da duquesa de Navarra, sua irmã, do Monsenhor Dolphin, da Sra. Dolphin, do cardinal de Lorena e de todos os grandes de sua corte.

« Trabalhava eu quando o rei entrou. Deu a todos ordem de se conservarem em seus lugares.

« Tinha eu na mão uma grande chapa de prata para o corpo do meu Jupiter, do qual me estava batendo a pedra, outro a cabeça; reinava grande estrepito na officina.

« N'aquele momento acabava eu de dar um pontapé em um tal zapato francez, que praticara certa malfeitoria e que foi abrigar-se entre os joelhos do rei, provocando assim forte hilaridade. Sua Magestade perguntou-me o que eu estava fazendo, e ordenou-me que não interrompesse o trabalho.

« Disse-me tambem que não me matasse á trabalhar e cuidasse de minha saúde, porque elle me queria ter por muito tempo á seu serviço.

« Respondi-lhe que podia caber deente condemnando-me á marçã, principalmente quanto ao artefacto de encomendação real.

« O rei acreditou que as minhas palavras eram simples compromisso, e disse ao cardinal de Lorena que me repetisse o que me dissera; dei-lhe, porém, tão boas razões, que me deixou em plena liberdade. Ao retirar-se o rei, dei-lhe penhoradissimo por suas honradas.

« Dias depois, juntando com elle o cardinal de Ferrara, mandou-me chamar; estavam a beber-mesa. Aproximando-me delle, ordenou-me que lhe fizesse com brevidade e deslenho de um honro e lindo saieiro, um caixinha para guardar o sal e os guardanapos do rei, de modo a empregar com as jarras, do que lhe fizera mimo o cardinal. Vencio Magestade terá immediatamente esse modelo, si me conceder um quarto d'hora. Já de ha muito fôrta o esse desenho, na esperança de um dia executar-o para o cardinal. Admirando-se o rei, voltou-se para o rei de Navarra e os cardoas de Lorena e de Ferrara, dizendo-lhe: *Benevenuto*, na realidade, é um homem admiravel e digno de toda a estima e amizade de quantos o conhecem.

« Disse-me em seguida, que lhe daria prazer em apromptar o desenho.

« Foi immediatamente buscado, juntando-lhe o modelo em péra. Ao ver-o, exclamou o rei:

« E' artefacto mais que divino. Mas este homem meoz esteve em repouso!

« E ficando-me complacente, incumbiu-me de fazer-lhe o saieiro.

« O cardinal de Ferrara, encarou-me de modo a dar-me a entender que lhe era conhecido o modelo, pois eu dissera ao rei, como para vingor-me das promessas não cumpridas do cardinal, que em fundiria o saieiro para aquelle, que era digno de possuí-lo. Para tomar vingança disse o cardinal ao rei:

« Sire, *Benevenuto* não chegara ao cabo da grande empreza, que toma agora á si. Estes grandes artistas promettem muito mais do que podem cumprir.

« Respondendo-lhe o rei que ninguém se incumbiria de uma tarefa, si não estivesse a pensar na sua terminação.

« Vossa Magestade tem razão, onsei observou-lhe; os principes que, á semelhança de Francisco I, sabem animar os que têm a honra de servil-os, não julgam impossivel»

(1) Nicolas de Neufville, senhor de Villeroi, secretario da fazenda.

(2) Nota do autor.

(3) Nota do autor.

(4) Nota do autor.

(5) Nota do autor.

(6) Nota do autor.

ja que Deus me concedeu tão bom senhor, espero em sua bondade levar a feliz exito tudo, do que me encarreguei. — Também o acordou, respondendo-lhe, levantando-se da mesa.

« Levou-me depois á sua real camera e perguntou-me que dinheiro me era preciso para o saíreis. »

« Mil escudos, respondi-lhe. » E ordenou ao Sr. de Orbec, seu thesoureiro, me desse essa quantia, em ouro do lei e do velho quilate.

« Despedindo-me do rei, tornei a passar o Sena; e tancé em casa, em vez de ir á minha bolsa, que me dera em Florença certa fraira, minha parente; e como ainda era cedo, dirigi-me só, sem trinado, ao thesoureiro para receber os mil escudos de ouro. Encontrou-o occupado em esculpir; tão de vagar, que não seria preciso, para embolsal-os, esperar até a dia seguinte. Descendendo de alguma trejeita, tirei em a humilhação de dizer a alguns de meus ra azes que me precisassem. Não os avistando, entre eu dúvida si os havia deixado; e o maroto de um criado affirmou-me que sim, acrescentando que os rapazes se negaram á vir e que, si eu quizesse, elle me levaria á casa o dinheiro.

« Não, respondi; eu mesmo saerei o portador. »

« Dado o recibo, sahi em o sacca bem amarrado ao braco esquerdo. Levava armas e colia de malhas. Vi que alguns dos criados, que sahiram do palacio comigo e toaaram por outra rua, trocavam confidencias. Atravessando rapidamente a ponte do *Carthais*, seguindo para casa pela margem do Sena. Em frente ao convento das *Grandes Agulhas*, lugar purgatorio, estava eu ainda longe de casa para que me ouvisses gritos do socorro. Foi exactamente alli que me atacaram quatro laumens, de espada em punho. Envolti logo no capote o braco, em que amarrara a bolsa e arranquei da espada.

« De um soldado, bradei, não se gautia mais do que a capa e a espada; e eu vou-vos vender bem caro. »

« Conheci, porém logo, que elles estavam indisciplinados pelos criados, que não haviam visto com o dinheiro. Vendo a minha toaz defeza, retiraram-se pouco a pouco, dizendo em francez:

« E um bravo italiano; não é a elle que presentamos, pois nada traz comigo. »

« Convencidos de que tinham de receber hostes o bravos golpes, vieram-me no encontro com o maior vagar. Prostrado sobre meus passos, pois recava nova emboscada e avistando a casa gritei:

« As armas! as armas! querem assassinar-me. »

Quatro dos meus acudiram com laças e tentaram perseguir os assassinos; eu, porém, os contive, dizendo-lhes:

« Deixem-me guardar este dinheiro, que me annuncia a pisa a brago, e depois encontraremos juntos sobre essas quatro portezas, que não conseguiram desvalisar-me. »

Quando estive debaixo de coberta enxuta enferram todos a ralar comigo porque tinha demasiada contanga em meu valor e em minhas forças, e disse resultaria ser um dia violentemente morto. Finalmente, apuz muita parola e grazejo, como tão alegremente, como si não nos achasse do sobrevir qualquer acontecimento.

E' verdade que diz o rifo: « Tanto vai o pute á fonte até que fura; » mas as desgraças nunca se apresentam sob o mesmo aspecto.

XIX

Por esse tempo, *Benvenuto* entregou-se todo a seu genio e á sua productividade. Terminou a estatua de *Jupiter*, de tamanho natural, a de *Marte* e uma grande copia de primores artisticos para a duquesa d'Étampes e para seus amigos da Italia. Era triumpante sua situação; tinha-o o rei em alta estima, julgando que com *Benvenuto* e *Leonardo da Vinci* roubara da Italia para a França toda o brilhantismo. Regressando da guerra, mandou á *Cellini* carta de naturalisação, e veio visitá-o em sua residencia de Paris.

Não podia *Francisco I* comprehender o como o grande artista terminara e esboçara em tão poucos mezes tantas magnificas produções. Fallou-se de *Fontainebleau*. Disse a rainha duquesa d'Étampes que Sua Magestade devia encomendar alguma coisa do bello para aquelle palacio.

« Tem razão », disse o rei.

E immediatamente consultou-me a respeito do que poderia imaginar naquelle sentido e intuito. Dele-o o meu parecer; elle expoz-me o seu; acrescentando que iria passar quinze ou vinte dias em São Germano; que nesse comensal lhe fizesse em um desenho, o mais lindo possível, a plan de ornar aquelle castello, para elle o mais agradavel de todo o reino, e empenhou-me a empregar nisso toda a minha imaginação e todo o meu talento. Voltou-se então para a duquesa:

« Nunca houve homem, que mais me fosse caro e mais digno de recompensa. Vejo-o todos os dias e elle nada me pede; só pensa no trabalho; é por isso que, á força de galardões, hei de ficar-o em Paris.

Respondeu-lhe a senhora d'Étampes que teria o cuidado de lembrar a Sua Magestade essas generosas intenções. E sahiram todos.

(Continúa.)

PELA TRADUCTORA DE « FLORE DE ALIZA »

A grande naturalisação

Em numero anterior tocámos ligeiramente no assumpto, e logo nos reservámos para occupar especialmente com elle a attenção do leitor.

Nós brasileiros temos o defeito de julgarmo-nos sabios, tratando levianamente de tudo, simplesmente pelas noções que obtivemos n'uma conversa de salão, ou do rua; é assim que resolvemos as questões mais vitais para o futuro do paiz, e d'ahi muitos inconvenientes que todos conhecem, e não é dos menores o depopularis-se uma ilha sem motivo justificavel, simplesmente porque, a força de se repetirem uns aos outros, mais

dadia de improvisados publicistas reproduzom uma argumentos, cujo alcance não comprehendem, e cujo valor não meditam.

E' o que tem succedido em a idéa da grande naturalisação. Quem a sustenta expoz-se logo a ser alcinhado de pouco patriota, de querer entregar aos estrangeiros o predomínio do paiz, de ser cosmopolita, e muitas outras acerbas arguições, verdadeiros argumentos *ad terrorem*, que deslocam a questão sem resolvê-la; e afinal vem o que se chama opinião publica, uma coisa que ninguém sabe precisamente o que é, mas que todos dizem ter ao seu lado, quando pretendem repellir qualquer idéa, ou desmoralisar qualquer projecto de reforma.

Pois bem; estudemos calmamente a questão, deixando do parte os preconceitos, e desproizando todo o receio de infundadas qualificações. Encaremos na questão um problema scientifico, de serio alcance social, o esqueçamos que no paiz se degladiam dois partidos, que dizem ter programmaes definidos, o pugnam por idéas differentes; supponha o lector, esgureçamos também, que não haja alguma nos liga a qualquer delles, de modo a concluirmos o estudo sem que se perturba quaes seja as nossas idéas politicas, e nem é outro o programma da revista de que somos humildes collaboradores.

O art. 6º § 5º da nossa Constituição declara que são cidadãos brasileiros os estrangeiros naturalisados, qualquer que seja a sua religião; deixou entretanto para serem marcadas por uma lei especial as qualidades precisas para se obter carta de naturalisação. A lei de 21 de Outubro de 1832 veio satisfazer essa promossa constitucional, e exigiu como condição indispensavel para a concessão da carta a residencia de quatro annos no Imperio, prazo posteriormente reduzido a dois annos pelo Dec. n. 291 de 30 de Agosto de 1843.

A naturalisação, em virtude daquella lei, dependia de autorisação do Poder Legislativo, e só pelo Dec. n. 1950 de 12 de Julho de 1871 foi que o Governo ficou genericamente autorizado a conceder carta de naturalisação a todo estrangeiro que a requeresse, provando ser maior de 21 annos, e ter residido no Imperio, ou fóra delles em seu serviço, por mais de dois annos.

São essas as disposições que regulam entre nós a naturalisação dos estrangeiros, que vêm residir no Imperio, e solicitam a carta; quanto, porém, aos colonos temos disposições especiaes.

O Decreto n. 307 de 3 de Setembro de 1840 mandou reconhecer cidadãos brasileiros naturalisados os estrangeiros estabelecidos nas colonias de S. Leopoldo e S. Pedro de Alcântara, no Rio Grande do Sul, logo que assignassem termo declarativo de ser essa a sua vontade, devendo o presidente da provincia em vista delles, dar o competente titulo isento de quaisquer despezos ou emolumentos. Estas concessões foram posteriormente ampliadas a diversas outras colonias estabelecidas no Imperio, até que tomou-se uma providencia geral no Dec. n. 808 A de 23 de Janeiro de 1855, determinando-se que os estrangeiros até então estabelecidos como colonos nos diversos logares do Imperio, e ainda não reconhecidos brasileiros, fossem havidos como taes, assignando, perante a respectiva Camara Municipal ou juiz de paz, declaração de ser essa a sua vontade, e de fixar o seu domicilio no Imperio.

Quanto aos colonos que desta data em diante vieram para o Imperio, o art. 3º do mesmo Dec., que ainda hoje está em vigor, autorizou o governo á conceder-lhes carta de naturalisação, se a requererem, depois da dois annos de residencia, podendo aliás o Governo conceder carta, antes mesmo daquelle prazo, aos colonos que julgasse dignos dessa concessão.

A naturalisação, pois, dos colonos residentes no Imperio, depende do formalidades, que mais ou menos se tem procurado aliviar, mas em todo o caso de formalidades incommodas para aquelles que, abandonando o primitivo terrão, vieram buscar entre nós uma nova patria, prestar os serviços de sua actividade e de sua intelligencia, concorrendo assim com sacrificio, ainda mesmo que visando qualquer interesse pessoal, para a formação da riqueza publica, e engrandecimento do nosso paiz.

Não adiantemos, porém, o seguimento do raciocinio. Vejamos antes quaes as vantagens que, em compensação, as nossas leis offerecem aos naturalisados.

Quanto aos direitos civis, a regra é simples, e incontestavel perante a theoria geral. Os estrangeiros gosam, entre nós, de todos os direitos civis que os nacionaes, salvo aquelles que são especialmente negados pelas leis, e aliás bem poucos. Essas mesmas excepções a naturalisação as apaga, de sorte que, no ponto de vista dos direitos civis, os naturalisados ficam completamente equiparados aos cidadãos nativos.

A questão é quanto aos direitos politicos. A Constituição o mais que lhes concede é o direito de voto nas eleições primarias e secundarias, negando-lhes o ingresso nas assembleas provinciaes, na camara dos deputados e no senado, convindo aliás não esquecer que a mesma lei que assim determina faz perder os direitos do cidadão ao brasileiro que se naturalisa em paiz estrangeiro, de sorte que os filhos de paizes, cujas disposições logaes forem iguaes ás nossas, e que vierem naturalisar-se no Imperio, soffrem a verdadeira *capitis diminutionem* median dos Romanos, perdendo os direitos politicos em sua patria primitiva, sem em troca recuperal-os na nova.

Alguns publicistas brasileiros opinam que o estrangeiro naturalisado, entre nós, póde entrar para o Senado, porque a Constituição, no art. 45, positivamente o não vedou, marcando as qualidades necessarias para ser alguém eleito senador. Semelhante opinião, porém, parece-nos não ter fundamento, porque, além de não haver necessidade de uma disposição expressa, pois já a limitação estava feita para os deputados, sendo que na graduação dos direitos politicos, como é sabido, quem não póde o menos, não póde o mais, e ninguém dirá seriamente que a corporação que julga os crimes dos deputados, dos conselheiros do estado, dos ministros e dos membros da Familia Imperial, seja politicamente inferior á camara dos deputados; além d'isso, diziamos, accresce que o citado art. 45 exige para ser senador (§ 1º) *ser cidadão brasileiro e estar no gozo de seus direitos politicos*.

Que n'essas expressões não se comprehende o estrangeiro naturalisado prova-o bem o art. 91, o qual dando voto nas eleições primarias (§ 1º) *aos cidadãos brasileiros, que estão no gozo dos seus direitos politicos*, julgo necessario declarar ao § 2º que também votavam os estrangeiros naturalisados. Logo, aquella expressão não comprehende os naturalisados, porque então seria inutil a disposição do art. 91 § 2º, e é regra de hermeneutica que a lei não contém palavras inteis. Concluindo, pois, o art. 45 com o art. 91, parece-nos fóra de duvida que os estrangeiros naturalisados não podem ser senadores, porque não estão comprehendidos na expressão *genericamente cidadãos brasileiros, que estão no gozo dos seus direitos politicos*.

O art. 136 proíbe ainda que sejam ministros de Estado os estrangeiros, posto que naturalisados.

Ficam, pois, reduzidos os direitos politicos do estrangeiro naturalisado ao voto, e á facultade de occupar os cargos de natureza meramente administrativa; mas, a alta vida politica o direito de representar que forma a essencia das aspirações politicas, tudo isso é negado ao estrangeiro naturalisado, de sorte que a sua nova patria, aceitando-o em seu seio, estabelece profunda separação entre elle e os nacionaes, não se torna sua mãe, e antes sua madrastra, na peor accepção do termo.

Es o direito escripto. Póde elle ser baseado nas melhores razões, mas de certo não terá em seu apoio os interesses economicos do Brasil.

N'uma nação constituida, que vive já de suas tradições, que encontra em si mesma os meios de fazer explorar os recursos naturaes e desenvolver o seu progresso, cuja população é vasta, activa e instruida, comprehende-se que o principio da nacionalidade seja um sentimento intimo, que anima todas as instituições, e a força mais pujante da sua vida. Contrariar esse sentimento, que bem dirigido trará sem duvida mais um estimulante para o progresso; contrariar esse sentimento, abrindo e facilitando aos estrangeiros o titulo de nacionalidade completa, será talvez enfraquecer aquella mesma força, com que se poderia contar.

Não se pense, entretanto, que esse argumento, que não deixa aliás de ter certa procedencia, seja de um valor invencivel. A experiencia lhe é desfavoravel, e a experiencia de dois povos poderosos (sem querer fallar em outros), cuja nactio-

Inda me lembro, oh ! saudade,  
Oh ! minha estrella sem luz !  
—Um dia a tarde ia bella ;  
Nossa innocencia trahio-nos,  
Nós estavamos sentados  
Sobre frondosa amoreira  
Dentro da horta, eu e Branca  
Mais amor é um céu de abril.  
Sou pai ali nos achando  
Simulou não procurar  
Arrancar em nós os seios  
Do amor a hera crescida.  
Então eu hia deixá-la,  
Pois que dever piedoso  
Para longe me chamava ;  
Minha mãe estava á morte,  
Junto á si queria ver-me ;  
Cinco annos de longa ausencia,  
Era um século a seu amor ;  
—Parti no branco terroro,  
A luz dos astros da noite,  
Junto d'annosa fogueira,  
Ficamos as despedidas :

Um voto de amor eterno  
Nesta vida e além da morte  
Seilamos co' as nossas lagrimas :  
Foi o adeus, um longo beijo,  
Que a voz não pôde fallar.  
—Um anno depois passado  
Branca em sonhos me chamava :  
Minha mãe voltada a vida  
Tomou-lhe abenção, parti...  
Quando cheguei, oh ! presagio,  
Todo meu corpo tremia !...  
A casa achei-a deserta.  
Disse-me o antigo hortelão  
Que minha Branca era morta,  
Já sepultada na hermiida,  
Onde jaz a sua irmã ;  
Seus pais d'ali emigrarão,  
Como essas tribus selvagens,  
Levando consigo as cinzas  
De seus guerreiros e avos.

## III

Era depois no terrazo ;  
A lua vinha nascedo  
Por detraz d'alta ladeira ;  
O cavalleiro e a donzella  
Estavam sós. Quem não fôra,  
A não ser morto do peito,  
Arrebatado aos encantos  
Que circundavam essa fronto  
Onde a lua derramava  
Doirado e frouxo clarão ?

—Sois triste meu cavalleiro,  
Não tendes mais vossos pais ?  
Sois um filho da cidade,  
Ou sois filho dos serões ?

—Perdão, senhora ; o destino  
Me occulta aos olhos do mundo.  
Meus pais vivem, são bem velhos,  
Eu sou viajante infeliz.  
—Mou Deus, tão moço, tão bello,  
Ser infeliz já tão cedo ?  
—E' triste, mas a desgraça  
Não conta os annos da vida.

—Oh ! eu sinto vossos males,  
Porque não quereis dissel-os ?  
Não somos sós ? Eu vos juro  
Que ninguem virá sabel-os.

Eu tambem tenho meus males,  
Saudades talvez de amor,  
Contai o vosso infortunio  
Talvez falle á minha dôr.  
Não somos sós ? Eu vos juro  
Guardar do segredo a flôr.

E a virgem lançou-lhe um olhar

De compaixão

O cavalleiro ergue-se e a lua cheia  
Derramou seu clarão.

Oh ! não lances ao mendigo  
Tanta esmola de bondade.  
Do pobre dos sonhos d'alma  
Foge de ter compaixão,  
Ao triste amor que so aperta  
Nas paredes do impossivel  
Não volvas olhar sensivel,  
Não vás lhe entender a mão.

Nas cinzas do peito morto  
A brasa dorme talvez ;  
O incendio que o estrago fez,  
Pode atear-se de novo  
Ao lugar do incerta mão :  
—A fronte lustra serena,  
O olhar se inclina sombrio,  
Mas no peito morto, frio  
Dorme represo vulcão.

## IV

Tu que me obrigas agora  
A soffrer mais uma vez,  
Escuta, Dulcina a histocia  
Que tantos males me fez.  
Mas não volvas á lembrança  
Minha marchada esperança.

E' um segredo que a tumba  
So n'ó podera arrancar ;  
Queres ouvir-o, mas olha,  
Não vás depois te magoar.  
Nunca volvas á lembrança  
Minha marchada esperança

Que ha, Dulcina que mais dores cause,  
Que rói tanto da existencia a flôr,  
Do que sorrir-se tendo o fel nos labios,  
Do que cantar-se tendo n'alma a dôr ?

Que ha mais triste que sentir-se moço,  
Cruel arcano á envonar seus dias ?  
E ver que os outros no suppõem felizes  
Quando no peito as sensações são frias ?

Vêr-se do amor a primavera eterna  
Abrir as flores do jardim da vida ;  
Ver tantas flores se banhar de aromas,  
Mas nunca ver a sua flôr querida.

Oh ! nessas horas que se me atêdo n'alma  
Vivas scentellas que do ceo me vêm,  
E no vento solto meu batel ás sóltas  
Nas verdes ondas desse mar além...

E vogo á tôa por um mar de sonhos  
No fragil lenha desse amor desfeito ;  
Perdidas crenças já não mais orvalhão  
A cinzas frias do gelado peito.

Debalde luto do descreer co' as vagas,  
Da crença a taboa não me vem salvar,  
Em balde eu peço da esperança as azas,  
Em balde eu vogo da illusão no mar.

Então deploro meu amor primeiro,  
Rôla innocente que o falcão levou ;  
E á Deus imploro com amor fervente  
Da crença o facho que a illusão quebrou.

Depois, eu vejo no estrellar da noite  
Um rosto d'anjo á me sorrir do lá ;  
E eu tambem rio-me ao sorrir do archanjo  
Porque minh'alma presa á elle está.

Bem vês, Dulcina ; eu descobrei meus risos,  
Perdi meus sonhos de futuro e gloria ;  
Quando as gaivotas para o mar voltarem  
Não voltos mais á minha triste historia.

Não te entristeças ; és tão bella e pura,  
Trazes no rosto a singeleza e a paz ;  
Não serei eu á te acordar as magoas,  
Não serei eu á te ensinar os ais.

Des teus olhares nas corulaes ondas  
Mira-se a estrella do pastor de amores ;  
E do teu seio que estremece aos cantos,  
Os céos orvalhão da innocencia as flores.

Não te magões á ouvir meus cantos,  
Guarda teus prantos meu gentil lilias.  
Não serei á te acordar as magoas,  
Não serei eu á te ensinar os ais.

—Aquí parou o mancebo  
A fronte levando a mão ;  
Do peito um fundo suspiro  
Lhe cortou a narração,  
E olhando para a donzella  
A vista cravou no chão.

Fundos mysterios do peito  
Quem n'ós pode prescrutar !...  
Ai ! como os suspiros fallão,  
Aos corações que não calão  
O que os labios sôem calar !

—Oh ! por Deus, disse a donzella,  
Continuai, no meu peito  
Não sei que estranho presagio  
Me estremece o coração.  
Tudo contai ; são tão doces,  
Vossas palavras qu'eu sinto  
Dôr e praser só de ouvir-as.

## V

Dulcina, eu sinto no peito  
Funda saudade calar ;  
E o rosto crestado, secco  
Não vem o pranto molhar,  
Que a minha fonte das lagrimas  
O sol da dôr fez seccar.

Não é tão triste tão cedo  
Dizer-se as crenças—adens ?  
Dizer ao amor—já é tarde ?  
Aos soffrimentos sois—meus ?  
E ver a ave da esperanza  
Chorando fugir aos céos ?

Não é tão negro martyrio  
Sorrir sentindo doer.  
No peito a dôr que se occulta,  
Que não se pôde dizer ?  
Não é tão triste, Dulcina,  
Morrer sem nunca morrer ?

— Eis minha vida que compridos annos  
Têm decourrido para mim sem luz !  
Tudo perdi ; o meu amor mataram,  
E por castigo a vida me deixaram  
Pondo-me nas hombros bem pesada cruz.

Inda me lembro... Oh ! saudade,  
Oh ! minha infancia do amor !  
Que lindos sonhos, tão bellos  
Ceifados ainda em flôr !  
E o dia da despedida  
Como me lembra esta dôr !

—Era uma tarde saudosa...  
A brisa o lago beijava,  
O lago o céu reflectia,  
O ceo minh'alma inspirava ;  
E eu mirando seu rosto  
Suas mãos alvas beijava.

Era um sonhar—que ventura !  
Era um olhar—quanto céu ;  
Era um sorrir—quanta festa,  
Era um corar—quanto veio ;  
Era um chorar—que saudade  
Era o partir—que escarceo !

Era uma lua no acaso  
Em madrugada de abril ;  
Era uns olhos que orvalhavam  
D'un rosto a alvura gentil ;  
E a estrella d'alva tombada  
Sobre as montanhas de anil.

Era um céu—quanto desmaio !  
Era a aurora á se orvalhar,  
Era a brisa que chorava  
Nas folhas do nenuphar ;  
E os galos que decantavam  
Da barra ao frouxo quebrar.

Era um adeus—a partida !  
Era a saudade a matar ;  
Era um'alma em duas vidas  
Que ali s'hia separar...  
— Foi um beijo a despedida  
Que a voz não pôde fallar.

Depois a cruel ausencia  
Que inclemencia,  
Agar chorando sem lar.  
Oh ! que saudades da vida  
Tão querida,  
Dulcina ! quanto pesar

Depois um êrmo deserto,  
Muito perto  
Abysmo fundo á espumar ;  
E n'um andar inconstante,  
Vacillante,  
O doido qu'ia tombar.

Depois um'aza de ferro  
No desterro  
Roçou-lhe a face e passou...  
E o vento disse — ella morre,  
Elle corre  
Transpos os montes, chegou.

Um anno havia passado,  
Tão pesado,  
Como o pesar d'afflicção,  
Oh! foi bem triste, Dulcina,  
Esta sina  
Que matou-me o coração.  
Meia-noite! a solidade,  
Que saudade  
Pelos campos derramava!  
Meia-noite — que mysterio  
Nesse imperio  
Onde o silencio reinava!  
Depois, da igreja em ruina,  
Qual busina,  
Um grito os ares ferio;  
E dos ramos na espessura  
Ave escura  
Com as folhas se confundio.  
Agoiros!... quem não ha tál-os?  
Meus cabellos  
Sobre o cráneo se eriçaram;  
Das matas naves se erguiam.  
E fugiam  
Quaes duendes que se amaram.  
Tremi; a noite ia triste;  
Os astros como choravam;  
As nuvens feias de deusas  
Tomando formas immensas  
Pelos montes se alongavam.  
Baquei a casa, ao entrar  
Tomou-me o medo, — parei;  
Um grasnar d'aves nocturnas  
No interior escutei:  
Deserta estava ás escuras  
Deixei a casa, chorei.  
Deserta!... Um grande brazeiro  
No terreiro  
Circulavam mil reptis;  
— Deserta, disse mau velho,  
Ruda espelho  
Das ambições que são vis.  
« Seu pai levou-a consigo  
« Ao jazigo  
« De sua pequena irmã.  
« Pobre donzella! Eu a vi...  
« Como era branco seu rosto  
« De pallidez tão composto,  
« De candura tão louçã!  
« Abri-lhe a cova, deitei-a  
« No leito de seu noivado;  
« Na sua face tão branca  
« Da morte as pallidas côres  
« Davam-lhe uns aros divinos:  
« — E' pena, disse, que a terra  
« Vá cevar tão linda presa!  
« Desci-lhe a campa; era noite,  
« Atravessi a elevêza;  
« Eis do occorrido o que eu vi.  
— Mudo escutei; mas depois,  
Não sei que acaso sombrio  
Veio minh'alma nublár:  
Arranco o punhal á cinta,  
— Alma covarde e faminta!  
Olha que vou te matar.  
Diz a verdade ou te arranco  
Da cara os olhos maldictos  
Para que mais nunca fitem  
O céu que foram manchar.  
— Infame! fugio... segui-o,  
Mas não n'o pude encontrar.  
Is a noite mais de meio,  
Senti-me então vacilar.  
Nada mais vi; só depois  
Da brisa aos beijos gelados  
Os olhos abri... — a aurora  
Dardjava as setas d'ouro  
Sobre a planície do mar.  
E o mancoço se detém  
Vendo a virgem suspirar;  
No jardim caminha alguém  
Que veio ali se occultar.  
— Somos irmãos na saudade,  
Cavalleiro, vusse nome?  
Porque razão o occultais?  
Que mysterio vos consome?

— Ouvo-me ainda, guardai-me silencio,  
Depois te digo d'ondo foi que vim.  
Alguem caminha no jardim; não vêis?  
— Sim, foi o vento; mas chegai ao fim.

Quanto soffri! Do meu passado as dôres  
Quiz afogal-as afogando a vida,  
Manchei na orgia do meu peito as flôres,  
Tornei minh'alma de affeições despida.

Tudo de balde; no calar das noites  
Vinha uma sombra sobre mim pousar.  
— Como era doce seu sorrir celeste,  
Como era doce seu celesto olhar!

Fatal lembrança da passada vida  
Vinha-me sempre a segredar mysterios...  
E sempre o anjo á me acordar saudades,  
Fitando em mim seus negros olhos serios.

Ai! Branca, foste bem cedo  
Habitar com tua irmã!  
Quatorze annos então tinhas,  
Eras formosa e louçã.

— Branca?! Meus Deus!

— Mas que tendes,  
Senhora?... não desmaeis!...  
— Não mais direi minha historia.  
Meus males não contarei.

— Oscar?... Que escuto! E's tu mesmo!  
Bem m'o disse o coração!  
— Oscar! sou eu; sim, sou Branca.  
Meu amor não morreu, não  
— Não me vias muda, tremula  
Sem mais poder te fitar?  
Quando fiel recordavas  
Aquelle noite sem par?  
Em que partiste e eu fiquei  
No terreiro á soltar?

Devias tál-o sentido  
N'essa viagem cruel  
No dedo apertar-te sempre  
Teu esponsalicio anel,  
Quando eu tragava sosinha  
D'a ausencia todo seu fél.

A'quelle noite presaga  
Quantas audanças seguiram!...  
Viva — me deram por morta,  
E falso enterro fingiram;  
Depois p'r'aqui me mudaram,  
E até meu nome trocaram.

Meu pai te odeia de morte;  
Oppõe-se a nossa união;  
Diz que não tem boa sorte  
Quem descende d'um vilão;  
Que é manchar seu brazão nobre  
Unir-se o fidalgo ao pobre.

Tu, meu Oscar, que és tão bom,  
Tão honesto e cavalheiro,  
Tomo por ti nesta hora  
Que me acorda o amor primeiro.  
— Jesus! lembrai-vos dos vossos,  
Guardai os destinos nossos!

## VI

Nos braços do cavalleiro  
A donzella desmaiou,  
Elle apertava em seu seio  
Sua vida que encontrou.

— Oh! acorda, minha Branca,  
No céu a aurora surgio;  
Vem matar a sede ardente,  
Que a vida me consumo.  
Meu Deus, seu rosto é tão frio,  
Que pallidez lhe cobrio!

Ouve-me, Branca; em meu peito  
Trago-te um mundo de amor;  
Vem habital-o, minh'alma,  
Vem colher da vida a flôr;  
Vem matar minha saudade  
Vem matar a minha dôr.

Fujamos para o deserto,  
Vamos viver na solidão;  
Vamos matar esta sêde

Que nos mata o coração;  
Vamos rever as palmeiras  
Dos nossos sonhos d'então.

Oh! como poude o destino  
Em seu mysterio ferino  
Tanto tempo te occultar?  
Como a vida me pesava,  
Quando teu rosto mirava  
Na lua mirando o mar.

Que longos annos perdidos,  
Quantos souhos deslombados!  
Quantos sorrisos mentidos  
Ao som dos beijos comprados!  
Ai! quantos prantos corridos,  
Dos olhos d'elles queimados!

Quanta vez ao pôr da lua  
Eu não me punha á scismar  
Sobre os rochedos da praia  
Que as ondas vinham molhar!  
E os meus prantos já seccados  
S'iam no peito coalhar.

Meu rosto tenho queimado  
Ao sol das devassidões,  
Meu peito quasi embotou-se  
Ao travo d'essas paixões;  
Tornei-me então um precito  
Rico de dôr e baldões.

Cortei bem largos desertos,  
Sem nunca achar um jordão;  
Do amor ás frescas cisternas  
Meus labios abria em vão,  
E meu peito abrasava  
Da sêde do coração.

Entfim cancei! Dos meus lares  
Uma saudade acênou;  
E o filho prodigo, ingrato  
De sua mãe se lembrou:  
— Foi ella a só esperanza,  
Que do abysmo me arrancou.

Então deixei as cidades,  
Sacudi da frente o pó;  
Atravessi as montanhas  
De noite, sombrio e só;  
Vesti meu corpo de luto,  
Vesti minh'alma de dô.

Depois tu viste; em teus lares  
A mão de Deus me abrigou;  
Dulcina ovio meus pesares,  
E minha Branca mostrou...  
— Agora tu vê — ou te amo,  
Amo ao Deus que me salvou.

## VII

Então um rumor mais forte  
Fêl-os de chôfro se erguer:  
Ruy Fernando tudo ouvira,  
Seu ar fazia tremer.

— Infame plebeo! deshonras  
O tecto que te acolheu!  
— Em guarda, vilão! em guarda,  
Cruza teu ferro com o meu.

— Como a gaivota ferida,  
Que tenta voar e cae,  
Ferindo os ares com um grito  
A' vida que se lhe osvãe...

Tal a donzella se erguendo  
Dos braços do cavalleiro,  
Quer fugir, mas dos seus olhos  
Fugindo a vista primeiro:  
— Cahio no chão desmaiada,  
Como estatua derrocada.

— Cruel que sois! Oh! não vedes  
A victima da oppressão?  
— Em guarda, vilão, em guarda,  
Que te varo o coração.

Travou-se a luta; em ceo  
A lua branca e serena  
Cobria d'argenteo véo  
Os contendores e a arêna;  
E além um rosto beijava  
Onde a morte se pintava.

Retine o ferro mais forte,  
Mais se juntam os luctadores;  
Chocam-se os golpes nos ares,

Recrescem mais os valores :  
— A quem darás a victoria,  
Anjo invisível da gloria ?

Como o cedro velho, annoso,  
Que agitado do tufão,  
Tomba a copa e ruído  
Se esgalhado n' amplidão  
Acorda os échos que dormem  
No seio da solidão ;

— Tal o velho que accommette  
Contra o d'astro cavalheiro,  
Traspassado por um golpe  
Forte, seguro, certo...  
Cahiu—qual cedro partido  
Pelo tufão desabrido.

Meu Deus ! que transe ferivel !  
Vós bem vistas, não pequei.  
— Duas vidas impossiveis...  
Ser morto ou matar... — matei.  
— Morto !... O baptismo de sangue  
Perpetuo o amor exangue.

## VIII

— Depois por sobre as montanhas  
Vinha o dia despontando ;  
Um grupo além caminhava  
Do castello se afastando ;  
— Esbelto por entre a neve  
Um par á todos precado,  
— Oscar e Branca, são elles ;  
Vão caminho á flicidade.  
Oscar busca o lar paterno  
Choeiro de amor e anciedade ;  
Ali de hymeneo as flores  
Corrãram seus amores.  
Felizes oh ! quem não fôra,  
Achando a creença perdida ?...  
— Feliz aquelle que encontra  
Nas portas da morte a vida.  
— Felizes... oh ! quem não fôra,  
Do amor na rideante aurora ?...

Recife—Julho—1870.

MARCINO ORCHA.

## Renuncia de affectos

E's tu, Delia, quem me chama ?  
Agora chegas ? E' tarde !  
Já dentro de mim não arde  
Intenso, voraz amor.  
Que me queres ? Vai-te embora...  
Não busques na sepultura  
Do mallograda ternura  
Plantar melindrosa flor.

Eu para tudo morri !  
De todo perdido o alento,  
Nem alma, nem sentimento,  
Nada mais conservo, não ;  
Prodigio fôra, si agora  
Soluçasse no meu peito  
O cadaver já desfeito  
Do que foi meu coração.

Não vêes ?... No chão s'esfolharam.  
Flores plantadas contigo,  
E jaz o meu verde abrigo  
Deserto e lugubre e mudo !  
Onde os festivos cantores  
Da primavera passada ?  
Olha a casa abandonada...  
Olha bem... é a morte em tudo !

Mas... os teus olhos me nublam !  
O pranto banha o teu rosto !  
Que acerbo, fundo desgosto,  
Delia, se apossa de ti ?  
Eu te offendi ?... pois á tanto  
Compello-me o desconforto ?...  
Ah !... já sei... tens do morto  
Que está sepultado aqui !

Redivivo aos teus affectos  
Tu quizeras vêr-me ainda,  
E n'uma illusão infinda  
Vendo a luz nos olhos teus ?  
Tu quizeras do passado  
Apagar toda a memoria ?  
Ai ! triste tarefa ingloria !...  
Vai-te, Delia... vai-te... adeus !

Vai-te, sim, vai-te depressa  
D'esta asperissima espessura ;  
Deixa em paz a sepultura  
Dos castos affectos meus ;  
Por ti esquecido out'ora,  
Morto por ti de saudade,  
Rejeito agora a piedade...  
Adeus !... para sempre... adeus !

DR. ANTONIO DE MELLO MEXIA MAIA.  
Niotheroy, 187...

## No album de meu amigo

DR. MIGUEL BERNARDO DE AMORIM

Um album é asylo santo,  
Templo de amor e amizade,  
Fonte de eternas lembranças  
Donde germina a saudade.

E' sanctuario encantado,  
Onde só entra a harmonia  
Dos sentimentos mais puros,  
Da mais suave poesia.

E' urna, pura, sagrada,  
Onde, em vasos de innocencia,  
Doitam-se as flores ungidas  
Da mais perfumada essencia.

Ali se guardam as rosas  
Colhidas na doce estancia  
Onde, sorrindo, passámos  
A nossa primeira infancia.

Ali se occultam as juras  
Das affeições de creança,  
Nessa idade em que nossa alma  
Fluctua n'um mar de esp'rança.

Ali se derramam lagrimas,  
Ali se espargem perfumes ;  
Ali se escondem amores,  
Ali se occultam ciúmes.

Ali se encerram mysterios,  
Que só Deus pode conhecê-los ;  
Encerra-se a chama arjente  
Dos mais ardentes anhelos.

Ali guardam-se as lembranças  
Desses tempos que correram ;  
Dos sonhos que já fugiram,  
Das creenças que já morreram.

Ali sepultam-se as cinzas  
Dos nossos entes queridos ;  
Ali se guardam sorrisos,  
Ali se escondem gemidos.

Tudo o que sento em nossa alma  
Ali se abriga e descansa...  
Derme a estatua da saudade  
Junto ao tumulo da esperanza.

A dôr, o pranto, a tristeza.  
A luz, a creença, a amizade  
Ali germinam e crescem  
Junto á imagem da saudade.

E como ali nada morre,  
Nem mesmo o tempo consome,  
Deixo-to, amigo, em teu album,  
Como lembrança, o meu nome.

Taubaté—1878.

PELINO GUEDES.

## ETHNOGRAPHIA

## Gesasi Mundurucu (1)

Creenças e tradições.—Apparição de Caru-Sacacê.—Ingratidão dos habitantes de Acupary.—Castigo.—Nicodemos, berço do genero humano.

Pareceu-me ver neste povo singular traços de uma civilização antiga. Os Mundurucus vivem em república fortemente organizada ; de longa data movem guerra a seus inimigos quando bem lhes parece ; fulminam sentença de morte contra os feiticieiros ; tem uma genesis propria e possuem creenças e tradições que vão passando de geração em geração.

Não será este povo, pensava eu, oriundo dos Quichuas ou dos Aymaras, que, descendendo dos

(1) A benevolência do Sr. Dr. M. Gonçalves Tocantins devimos mais o presente capitulo da sua *Memoria sobre os mundurucus*, do que tratamos em nosso numero anterior.

Andos, se fixaram sobre estas vertentes ! Por isto investiguei com a mais detida attenção as tradições, interrogando repetidas vezes os mais antigos da maloca, para que me dissessem se seus avós não vieram de terras longinquoas e elevadas que demoram do lado onde o sol se esconde todas as noites ? Mas elles me respondiam invariavelmente que não ; que os primeiros homens que appareceram sobre a terra fundaram a maloca de Acupary. Caru-Sacacê appareceu entre elles e lhes ensinou a caçar ; até então só havia caça inferior : Caru-Sacacê fez apparecer caça maior.

Não teve pai nem mãe ; teve um filho de nome Carutau, e um companheiro de nome Rayru, que o reconhecia por mestre.

Um dia Caru-Sacacê foi infeliz na caça. Voltou á Acupary e mandou seu filho Carutau que fosse pedir alguma ave, inambú ou perdiz, aos caçadores que as tinham morto em abundancia.

Os caçadores, porém, recusaram, e por escarneo atiraram a Carutau as pennas das aves dizendo : *Teu pai tambem é bom caçador.*

Tres vezes Caru-Sacacê repetio o pedido ; tres vezes os caçadores recusaram.

Então Caru-Sacacê colheu as pennas que elles haviam atirado por escarneo a Carutau e fincou-as uma por uma em torno da maloca.

E subito, com um gesto, converteu em porcos bravios todos os habitantes de Acupary, homens e mulheres, velhos, moços e crianças.

Estes animaes vorazes iam esbravejando extramallar-se e dispersar-se quando Caru-Sacacê, com outro gesto transformou as pennas em elevados morros.

Junto da actual maloca de Acupary existe com effeito uma vasta caverna. Dizem os Mundurucus que ainda hoje ouvem-se grunhidos de porcos selvagens e accentos de agonia.

Outros affirmam que á entrada da caverna encontram-se ornatos de mulheres, como braceletes feitos de ouriço de castanha, e outros vestigios da tremenda catastrophe. Os Mundurucus não osam penetrar na caverna de Acupary.

Então Caru-Sacacê retirou-se acompanhado de Rayru, unico que sobreviveu ao desastre de Acupary.

Chegando ao lugar, onde está Nicodemos, baten com o pé a terra, e de uma larga fenda que se abriu, tirou um casal de Mundurucus, um casal de brancos, um de indios e um de pretos.

O casal de Mundurucus Caru-Sacacê pintou pela mesma forma porque elle proprio estava pintado, e foi o principio da maloca de Nicodemos e o tronco da tribu que se tornou numerosa e pujante a ponto de fazer estremecer a terra quando marchava para a guerra.

Os brancos, os indios e os pretos dispersaram-se e foram povoar outras terras.

Em Nicodemos Caru-Sacacê preparou um campo, semeou-o, e quando cahiram as primeiras chuvas, brotou a mandioca, o milho, a batata, o cará, o algodão e outras plantas alimenticias ou medicinaes.

Ensinou a construir fornos e a preparar a farinha.

Fez uma pequena estatua de madeira, animou-a, e chamou-a Uanhu-Acauate, que foi seu segundo filho.

Para servir de Mãe a Uanhu-Acauate, Caru-Sacacê adoptou por companheira uma donzella da tribu chamada Chiridhá.

Cresceu Uanhu-Acauate, mas algumas mulheres illudiram a vigilancia de Chiridhá e abusaram da innocencia de Uanhu-Acauate.

Caru-Sacacê converteu Uanhu-Acauate em atto, e Chiridhá e as mulheres culpadas em peixe.

Nicodemos estava já poderosa e forte.

Caru-Sacacê traçou sobre um rochedo elevado, entre Acupary e Nicodemos, os caracteres symbolicos, que ainda hoje se vêem nos morros de Areucré. Fez com que Rayru fosse arrebatado para as nuvens e desapareceu de Nicodemos, seguindo o curso do Tapajoz, á margem esquerda do qual em altura, onde não pôde chegar a mão do homem, traçou tambem os caracteres da baranca de Cantagallo.

E desde então não se soube mais para onde fôra. Os Mundurucus guardam fielmente memoria de seus feitos, e pintam-se rigorosamente a si, suas mulheres e filhos pela mesma forma, porque Caru-Sacacê era pintado.

A. M. GONÇALVES TOCANTINS.



URSO BRANCO NA CAÇADA DAS FLOCAS



ULTIMAS MODAS DE PARIS

**Modas**

## DESCRIPÇÃO DA ESTANFA

I. *Vestido para menina de dez para onze annos.*— E' de faya azul celeste e adamascado de seda da mesma côr, guarnecido com froco côr de havana e lontra; franjado e galão de nuances sortidas.

Chapéu redondo do feltro branco, enfeitado com velludo côr de lontra, forrado de faya azul celeste, e com uma penna branca e azul.

II. *Toilette para passeio de carro na cidade e visitas da manhã.*— Vestido princeza de tecido de lã e seda nevosa, côr verde de murta e amarello de tília, com faya das duas côres sortidas.

A saia, de cauda comprida, roupa-se na frente até os quadris em pregas regulares; dois franzidos com um *ruché* forrado de seda côr de tília, guarnece a saia em baixo na frente. A parte por detraz e a cauda são inteiramente guarnecidas com franzidos de faya côr de murta, dispostos por degrãos que vão diminuindo de largura e altura até a cintura.

Corpinho com mangas de seda acabando com canhão largo, cercado por cinco vivos alternados côr de murta e côr de tília.

Collarinho cahido de faya côr de murta, avivado com faya côr de tília.

*Confection* de panno acolchoado preto. E' guarnecida em baixo por uma banda de pellicia, na frente por uma de velludo preto. Collarinho

cahido de panno avivado com cordão de seda preta.

Mangas enfeitadas por altos canhões, e bolsos no mesmo estylo.

**A noite de S. João**

Para festejar S. João Baptista, as robustas moças camponesas dançam, com a maior animação, acompanhando-se com rusticas e velhas canções, em volta do fogo de tójos, que é costume accender por occasião do dia deste poderoso santo, tão universalmente conhecido e invocado por jogos e divertimentos, que variam com os povos e os paizes.

**Uma boa historia**

Este quadro tem sido geralmente apreciado, não só pelo natural da expressão e jocividade do assumpto, como tambem pela perfeição do desenho e a fiel observancia das regras da arte.

O riso dos dois padres é communicativo. Estão ainda á mesa, depois do almoço, o mais moço acaba de contar uma *boa historia*, cujo assumpto é facil adivinhar, só pela explosão de hilaridade, que se apodera do outro e o deita sobre o encosto da sua cadeira de braços.

**HISTORIA****A Sé Fluminense**

POR UM TEMENTE A DEUS

**I  
BISPOS**

D. Felippe III do Portugal solicitou da Sé Apostolica a criação do bispado do Rio de Janeiro em 7 de Outubro de 1639.

O Santo Padre, conscio do estado politico do reino herdado e das intrigas da côrte herdeira, adiou o despacho da petição, da qual tomou conhecimento muito depois da revolução do 1º de Dezembro de 1640 ter elevado ao throno de Affonso Henrique o duque de Bragança com a designação do D. João IV.

Com effeito, só em 1676 a prelazia do Rio de Janeiro foi erigida em bispado de S. Sebastião e sagrado seu primeiro bispo D. Fr. Manoel Pereira, da Ordem dos pregadores, sacerdote de altas habilitações, de credits oratorios e de virtudes applaudidas.

Segundo memorias escriptas naquelle tempo a primeira nomeação não recahiu no illustre dominico, mas no prelado Lourenço de Mendonça, então de luta aberta com os commissarios de S. Paulo por traficarem com a liberdade dos selvícolas e dos quaes se queixou ao rei haspanhol, que o elegeu, para corcal-o de força moral, bispo do Rio de Janeiro.

Accrescentam mais os memoristas não tor o eleito tomado posse em virtude de haver Portugal, apoz a sagração do queixoso, sacudido o jugo de Castella.

Quer esteja averiguado este ponto quer não, o que não offerece dúbida é que D. Manoel Pereira aceitou a nomeação.

Reconhecendo, a poder de escrúpulos de consciencia, que não administraria a diocese como desejava e lhe era mister, renunciou-a em 1680, continuando na gestão dos cargos de secretario do estado, de deputado da Junta dos Tres Estados e de vigario geral de toda a Ordem dominicana.

Tendo o príncipe regente de prover a Sé renunciada, escolheu, para substituir o resignatario, o padre José de Barros de Alarcam, oppositor ás cadeiras da Faculdade Canonica em Coimbra e Promotor do tribunal de Fô na Inquisição daquelle cidade, on Promotor da Justiça na Inquisição de Évora, conforme declara o autor do Tombo do Convento de Santo Antonio, citado por Monsenhor Pizarro nas « Memorias do Rio de Janeiro. »

O illustre bispo fez a sua entrada solemne a 13 de Junho de 1682.

Dotado de zelo, de illustração, de inteireza e de actividade, D. José de Alarcam organizou a Cathedral, formilou regras para regimen do côro, conferiu ordens a muitos candidatos morigerados e instruidos, percorreu a vastidão da diocese, affrontando as asperezas e perigos dos caminhos, distribuindo o pasto espiritual e creando grande numero de freguezias com o louvavel desigño dos parochos terem maior facilidade de o administrar aos fieis.

Passado pouco tempo, era a admiração do povo, orgulho de possuir tao diligente e desvelado pastor.

Inprevistamente foi o digno bispo chamado a Lisboa, ninguém sabe se por insinuação sua, ou por denuncia de ambiciosos do Rio, já então muito numerosos e adextrados doltores, porque contavam com a credulidade da metropole, sempre desconfiada de seus subditos ultramarinos, principalmente dos que exerciam cargos elevados.

Chegado, porém, á capital do reino, o virtuoso bispo não arrefeceu de zelo, advogou com energia os interesses da igreja, que lhe foi confiada e a que votava entranhavel estima, não enfraquecida pela distancia de tantos centos de leguas.

Instando com o soberano que lhe restituísse a diocese, foi a final attendido: e, quando reapareceu na sede do bispado em 28 de Março de 1700, encheu de jubilo o seu rebanho, ansioso de tornar a vê-lo.

As alegrias do povo tiveram quasi a duração da rosa de Malharbe.

O sábio diocesano entregou a alma ao Creador a 6 de Abril d'aquelle anno, contando 66 de idade e 18 de episcopado exemplar.

A diocese enlutada lamentou sem cessar a perda do veneravel varão, que a administrou com admiravel sabedoria, procurando engrandecê-la por todos os meios de que pôde e soube dispor com perserverante criterio.

S. Sebastião do Rio de Janeiro era já então cidade importante por sua população e commercio consideravel. O governo geral não a perdia de vista e por isso tratou, apenas sciuto da morte do grande bispo, de dar-lhe digno successor.

Não lançou mão do primeiro padre, que lhe appareceu: ao contrario reflectio maduramente na escolha e só depois de ouvir a Moza de Consciencia e Ordens, além do pessoas oregrias, é que deliberou a nomeação, que recahiu em um dos maiores ornamentos do clero portuguez d'aquelle epocha, o padre mestre Frei Francisco de São Jeronymo, Doutor em theologia, Gera da Congregação dos Conegos Regulares de S. João Evangelista, pregador consummado, publicista de virtudes pacíficas, que o faziam bemquisto da côrte e do povo.

A eleição acertada do virtuoso padre foi confirmada pela Santa Sé no papado de Clemente XI em 6 de Agosto de 1701. Sagrado em Dezembro do mesmo anno, partiu de Lisboa a Chegou ao Rio de Janeiro em 8 de Junho do anno seguinte, tomando posse do bispado no dia 11.

Apenas empossado tratou de inteirar-se do estado da diocese no intuito do desempenho seguro de sua missão, serviço de Deus e de seus pastoreados.

Em 1704 visitou as freguezias da cidade e dos suburbios, delogando poderes em padros habéis para o representarem em outros lugares.

De diligencia não aquem da do seu antecessor, creou tambem grande numero de freguezias, entregando-as ao regimen de padros conceituados, dignos da rógia apresentação, que solicitou e lhes foi concedida.

Apesar da idade adiantada e de molestias constantes, o exímio bispo nunca se esquivou de doutrinar o povo com a palavra sagrada, obedecendo ao preceito do Divino Mestre *ite per universam mundum et predicite Evangelium*, tão recommendado aos bispos nos Concilios Lateranense e Tridentino.

Por uma pastoral obrigou os padros ao estudo da moral e não conferiu ordens a candidatos que não tivessem cursado essa disciplina durante dous annos, tempo marcado n'aquelle documento de judiciosidade episcopal.

Edificou o palacio da Conceição e substituiu por tres vezes o governador, demonstrando no exercicio complicado desse cargo que suas habilitações civis não eram muito inferiores ás ecclesiasticas.

Fundou o convento da Ajuda e lançou as pedras fundamentais das capellas do Senhor Bom Jesus do Calvario e de Santa Rita de Cassia, ambas em 1719.

Dotado de inexcedível sizo não sabia abusar da palavra, nem offender mesmo aquelles contra os quaes tinha de proceder disciplinadamente. Não desmentia a affabilidade de caracter quer fosse obrigado a punir, quer se regosijasse em premiar. Era de invariavel lisura de coração.

Esmolar extremoso, soccorria constantemente os pobres, os enfermos, as viúvas e as orphãs, a muitas das quaes casou e dotou.

Foi um verdadeiro apóstolo da caridade. Exercia-a em todas as suas manifestações, compreendendo a de interceder em beneficio dos condemnados pela justiça dos tribunales.

Sobre a morte de tão veneravel servo de Deus escreveu monsenhor Pizarro as singelas e sentidas palavras, que reproduzimos textualmente:

« Assaz versado na sciencia importantissima de encaminhar almas á salvação, entrou a dispor a sua com efficacia, conhecendo a proximidade dos dias ultimos pelo peso de annos e gravosa de molestia, que diariamente o impossibilitava, muito antes dos medicos penetrarem o mortal perigo. Resignado nas mãos de Deus, tendo recebido os Santos Sacramentos e feito com dolorosa ternura a protestaço da fé, renovou com actividade os actos de esperança e caridade, que por sua dilatada vida fizera; pediu perdão a todos, que se sentissem por elle offendidos; e não se esqueceu de perdoar tambem de novo aos seus offensores. Nessas acções religiosas e de piedade, que os assistentes aquelles actos acompanharam de copiosas lagrimas, vouu á patria celestial depois das 10 horas da noite de 7 de Março de 1721 em idade de 83 annos, contando perto de 19 de governo do bispado. »

E' difficil transpôr tantos annos, sem deixar no longo estadio percorrido um só vestigio de passo errado.

D. Francisco de S. Jeronymo, venceu a difficuldade, philosopho christão, grande homem e bispo modelo, viveu puro e morreu com a candidez das almas do Santos.

Coube ao padre-mestre Frei Antonio de Guadalupe, que substituiu a toga de magistrado integro pelo burel da Observancia de S. Francisco de Lisboa, o bispado vago, em virtude do fallecimento do veneravel D. Francisco.

Eleito por D. João V a 25 de Janeiro de 1722, confirmada a nomeação por S. S. Benedicto XIII e sagrado pelo Cardeal Patriarcha D. Thomaz do Almeida, partiu da capital do reino para o Rio de Janeiro, em cujo porto fundeou a 2 de Agosto do mesmo anno.

Succeder a D. Francisco de S. Jeronymo, era missão ardua; mas o ream-empossado, por isso mesmo e porque sobrava-lhe aptidão, seguiu-lhe os traços luminosos. Não o excedeu, mas imitou-o, continuando o brilho da mitra fluminense.

Resolvido a proseguir na obra de seu antecessor, percorreu a diocese, sujeitando-se com resignação ás fadigas de viagens longas por caminhos inhospitos como estavam então os da sede do bispado até além de Minas-Geraes.

Moralisou e instruiu o clero; desfez intrigas e pendencias claustraes; castigou e premiou opportunamente. Sempre enérgico, adoçava o appa-

rente rigor por meio de actos de generosidade, exercida sem ostentação e ignorada dos favorecidos, que em vão lhe procuravam a origem.

Praticou numerosas acções de caridade, dispendendo n'ella toda o rendimento da mitra, do qual apenas comigo e sua familia gastava o indispensavel.

Adquirio inimigos. Não os provocava, não os temia e muito menos lhe serviam de obstaculo aos planos de engrandecimento da diocese. Determinado a servir a Deus e aos homens em geral, cerrava ouvidos ás machinações de alguns dollos, despeitados pelo malogro de interesses occultos.

E' assim que os grandes homens devem ser superiores aos acontecimentos. Dominal-os é o condão das vontades fortes na defesa de causas justas.

D. Fr. Antonio de Guadalupe dispendeu mais de cincoenta contos com a fundação da Igreja de S. Pedro, do seminario de S. José, do de Orphãos e da casa do Aljube.

Quando ainda laborava na mente fertil outros planos de melhoramentos importantes chegou-lhe a noticia de sua transferencia para a sé de Viseu.

Sentindo profundamente abandonar a Igreja, a que havia dedicado particular affecto e tanto disciplinado em proveito da religião, dos costumes e do povo, passou-se a Portugal. Foi recebido em Lisboa com significativas provas do apreço, devidas ao seu merito elevado e ao desempenho brilhante da missão episcopal.

Poucos dias, porém, sobreviveu a essas gratas manifestações da patria.

Entrando o Tejo á 26 de Agosto de 1740, já vergado ao peso de enfermidades, exhalou o ultimo suspiro a 31 d'aquelle mez com a idade de 68 annos.

D. Fr. João da Cruz, lente de philosophia e theologia, foi o escolhido successor de D. Antonio de Guadalupe.

Nomeado a 11 de Fevereiro de 1739 e confirmada a nomeação, tomou posse do bispado a 3 de Maio de 1741.

Inspirado da zelo igual ao dos seus ultimos antecessores, promoveu tambem a instrução do clero e estabeleceu conferencias em algumas igrejas matizes da cidade.

Desgostoso que lhe sobrevieram nas visitas ás freguezias de Minas o desintelligencias com as principais autoridades do lugar, o impelliram a pedir a desistencia do cargo, que foi aceita.

Partiu para Lisboa, onde desembarcou a 22 do Janeiro de 1746.

Regeu por tanto menos de 6 annos o bispado de S. Sebastião.

A vaga foi preenchida com a nomeação de D. Fr. Antonio do Desterro, bispo de Lounda, ex-munje beneditino do mosteiro da Tibães, doutor theologo pela Universidade de Coimbra, philosopho e orador abalizado.

Tomou posse em 11 de Dezembro de 1746 e praticou a entrada publica com apparato superior á de qualquer dos seus antecessores.

Todas as pessoas notavcis existentes na cidade, a esse tempo já muito ampliada, acompanhavam o novo pastor, ansiosamente esperado pelo seu rebanho. Diversos arcos triumphaes de elegante architectura lhe foram erguidos nas ruas por onde transitou.

As manifestações officias e as ovações do povo não foram illudidas; e, nem um só dos muitos individuos, que saudaram com enthusiasmo a entrada do novo prelado, teve de arrepende-se de as haver praticado.

Essa phrenosi no applauso, essa fôbre de contentamento, esse delirio de recepção foram auspicios e justiça anticipada aos meritos distinctissimos do grande bispo, do estremo beneficor da diocese, do pai dos pobres, do protector dos orphãos, do fundador das obras pias, do eminente administrador e sábio D. Fr. Antonio do Desterro, nobre pelo nascimento e ainda mais pelas acções.

Mestre de bispos, investigador, laborioso, benevolo, conciliador, puro de costumes e o exemplar de humildade christã, exerceu o episcopado fluminense no espaço de 37 annos, mantendo a melhor intelligencia com as autoridades civis, as pessoas do povo e o governo de além-mar.

Bispo e cidadão, padre e homem social morreu nos 80 annos de idade sem deixar após si inimigos. Sabia recompensar e hesitava punir, porque o

coração, toda brandura, não o podia obrigar a severidades do simples juiz de condemnações.

A memória do benemerito da religião de Jesus Christo deo o Rio de Janeiro profunda gratidão, que sobreviverá aos monumentos por esse varão proclamo erigidos á caridade, virtude, de sua proleção.

D. Antonio do Desterro é um dos mais gloriosos nomes dos annaes fluminenses.

Signio-se ao venerando fallecido o illustre fluminense D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, graduado em canones pela Universidade de Coimbra.

Governou com esclarecido zelo e falleceu aos 73 annos de idade e 31 de bispado.

D. José Caetano da Silva Coutinho, tambem fernado em mesma universidade, foi nomeado para substituir D. José Joaquim.

Apartando ao Rio de Janeiro em 26 de Abril de 1808 tomou posse do bispado no dia 28.

Bispo capellão-mor, cidadão brasileiro e senador do imperio, morreu respeitado do clero e do povo, porque soube desempenhar com fervor e dignidade as altas funcões de seu cargo, não se desviando do caminho que lhe indicavam as virtudes e a discreção de seus eminentes predecessores.

Emergencias com a curia romana demoraram a viuvez da diocese, que afinal foi entregue aos cuidados e á sabedoria do D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, fallecido conde de Itajaí.

Estes dous ultimos bispos, sem contestação sacerdotes do mais fino quilate, pertencem á historia contemporanea.

A vida exemplar de ambos é conhecida e seus serviços á religião e ao Estado são do nota relevante.

Não necessitam portanto de commentarios.

Eis o que tem sido e se fluminense desde a sua fundação até o fallecimento do illustrado e bemfazejo conde.

Comecam pobres O augmento da população, os donativos de alguns de seus mais dignos administradores espirituales e o desenvolvimento do culto a tem enriquecido de maneira a poder ser considerada, sendo a mais opulenta, ao menos uma das mais abundantes da America do Sul.

Comparam-se o prolado que teve com os que ora possuem e vêr-se-ha do paralelo o que resulta.

Resulta o que vamos mencionar, segundo a nossa apreciação, pura do odio e de malevolencia.

Conhecemos o actual bispo de S. Sebastião unicamente pelos factos, que tem chegado a nosso conhecimento e havemos submettido a exame consciencioso.

Nunca tratamos de porta, nem de longe com S. Ex. Ryana, não só por não se nos ter offerecido ensaio, mas tambem porque, se o tivéssemos, difficilmente encontraríamos o illustre segredo de seu rebanho.

Declaramos ainda que, se não fossemos filho do bispado, não geraríamos por vós tão em abandono.

Ocurem-se os nossos genidos, arrancados por dores profundas e sejam attendidos, porque o merecem.

E' pena vêr a Sô de uma côrte e capital de imperio retrogradar tanto quando dispoa de elementos capazes de a elevar em a maior altura.

Vejá S. Ex. quanta responsabilidade pesa sobre si e não se persuada que a historia, com olhos de lynce, o ha de collocar no plano de seus antecessores.

Eles legaram á posteridade, que é o dia de hoje e o de amanhã, documentos impercíveis do summa habilidade episcopal, de espirito caritativo, de amor ao progresso e de civismo, nunca sacrificado a pretensões que o fixassem vacillar.

(Continúa)

O jogo de Xadrez

DR. MENDES PEREIRA PARRA. — A modificação que soffreu a « Ilustração » rememora ao inconveniente que nos cria sobre as soluções dos problemas. O problema n. 22 está perfeito como já ha de ter notado. — As suas soluções dos problemas 21 e enigmas 21, 22, 23 e 24 estão certas.

SILVANA DA GAMA. — Agradecemos a seu offerecimento que não é aceto por já não ser preciso. — Como sempre louvamos a sua pericia nas decifrações. — A do problema 23 está certa.

LUCIO PALMEDES. — Recebemos a sua decifração do problema 23 e enigmas 25 e 26. — O seu problema foi escolhido para hoje não justa razão. — E' um debut do mestre.

FRANCO CORREIA. — A jogada do cavallo na 1.ª variante de uma mate como particularmente lhe demonstrai.

ANIMAL XADREZ. — A solução do problema está errada.

Se as brancas jogam — 1. D. 3 R. 2. D. 2 R. 3. D. 8 CD. 4. D. 4 BR.

e o mate nas quatro jogadas é impossível porque se o cavallo com a marcha o rei com a torre, etc., etc.

NOTICARIO

Acidua partidas que hoje publicamos offerecem a maior interesse. — O match entre o Sr. Thorold (um dos mais fortes jogadores hoje conhecidos) e Miss Rudge (centrada de grande reputação na arena do Xadrez), está effectuando-se em Bristol com o fim de decidir se o Sr. Thorold poder dar o parido do cavallo. Os dois primeiros matchs jogados entre os mesmos futam ganhos por Miss Rudge com pouca vantagem.

Neste terceiro match em que e preciso ganhar sete partidas as brancas apresentaram mais favoravel ao Sr. Thorold.

Em todo o caso pelas partidas por nos publicadas os amadores poderao julgar da força dos notaveis contendores.

PROBLEMA 24

por LUCIO PALMEDES

Pratas



Brancas

As brancas sabem o dia mate em 4 jogadas

ENIGMA 27

Pelo Dr. Mendes Pereira, (Para)

Brancas. — R. 1 TR. — B. 6 BD. — T 3 D. — T 1 R. — C 8 TR. — P 2 TR.

Pratas. — R. 1 BR. — R. 2 BR. — T. 1 D. — T. 1 CR. — B. 3 TD. — P. 2 TD. — P. 2 CR.

As brancas sabem o dia mate em 3 lances.

ENIGMA 28 (Extrahido da Ilustração Inglesa)

Por S. A. Silles.

Brancas. — R. 8 TD. — B. 5 TD. — R. 2 TD. — C. 5 BD. — P. 6 TD. — P. 7 BD.

Pratas. — R. 2 R.

As brancas dão mate em 3 lances.

ENIGMA 29

Por Syglic.

Brancas. — B. 6 BR. — B. 8 R. — R. 1 CR. — C. 5 BR. — C. 4 D. — P. 2 R. — P. 5 TD.

Pratas. — R. 5 R. — P. 3 TD.

As brancas dão mate em 3 lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 23

- Brancas. 1. BxP. 2. P. 7 CR. 3. D. 8 BD. (ch) 4. PxO. (ch. e mate)
Pratas. 1. PxB. (des. ch) (a) 2. D. 3 R ou 2 D ou 2 B na C mate. 3. DxD. (ch)
(a) 1. D. 7 BR. (b) 2. DxB. 3. D. 5 C.
(b) 1. D. 4 BD (c) 2. D. 3 R. 3. PxD.
(c) 1. D. 6 BD. (d) 2. CxD.
(d) 1. D. 8 BD. (e) 2. DxB. 3. RxC.
(e) 1. C. mate. 2. DxB. (ch) 3. Quinquer cousa.
[As outras variantes são obvias.]

SOLUÇÕES DO ENIGMA 25.

- 1. B. 3 CR. 2. B. 6 D. (des. ch. mate) 1. P. mate.

SOLUÇÃO DO ENIGMA 26.

- 1. E. 4 R. (ch) 1. R. 4 R. 2. B. 7 R. 2. Quinquer cousa. 3. C. da mate.

MATCH ENTRE O SR. THOROLD E MISS RUDGE (Bristol de 1874)

PRIMEIRA PARTIDA (Noticia do tabuleiro e CD das brancas)

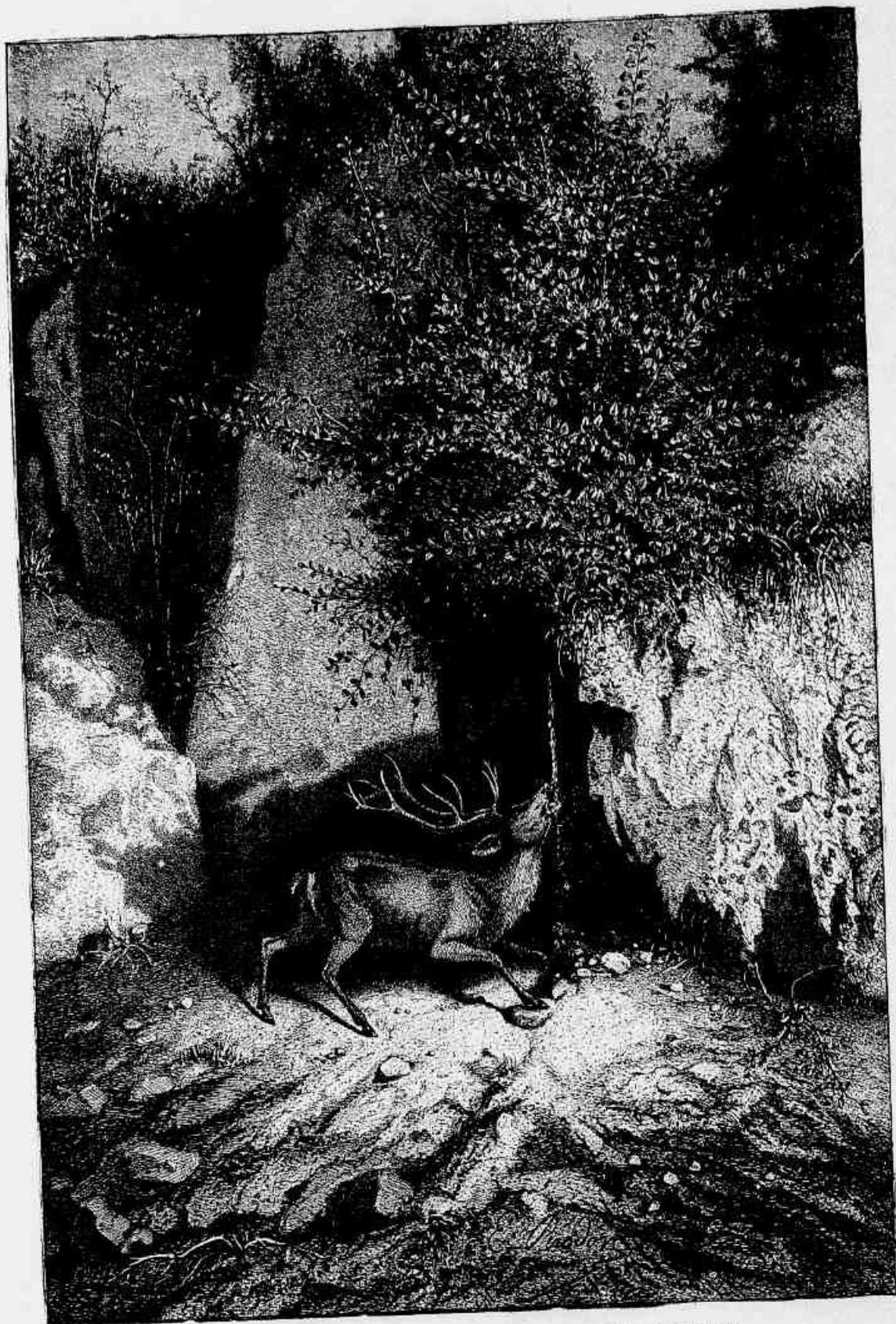
- Brancas. — Sr. T. 1. P. 4 R 2. C. 3 BR 3. B. 4 B 4. P. 4 CD 5. P. 3 R 6. Raque 7. P. 4 D 8. P. 3 P 9. P. 3 TR 10. C. 5 C 11. PxB 12. P. 6 D 13. CxBR 14. CxT 15. D. 5 T (ch.) 16. DxBT 17. D. 7 B (ch.) 18. T. 1 D (ch.) 19. CxP 20. C. 6 C 21. C. 5 B (des. ch.) 22. D. 5 D (ch.) 23. C. 6 C (ch.) 24. D. 3 C (ch.) 25. R. 2 C 26. D. D 27. P. 4 TR 28. P. 5 TR 29. P. 6 TR 30. P. 7 TR 31. R. 1 T 32. D. B (ch.) 33. P. 8 TR (for T) 34. R. 2 C 35. R. 3 R 36. R. 4 R 37. R. 1 R 38. D. 8 TD (ch.)
Pratas. — Miss R. 1. P. 4 R 2. C. 3 BR 3. B. 4 B 4. Raque 5. B. 4 B. (ch) 6. D. 1 D 7. PxB 8. R. 2 B 9. CR. 2 B (ch) 10. P. 1 D 11. C. 4 T 12. DxB 13. DxB 14. CxB (ch) 15. B. 3 C 16. DxBT (ch) 17. R. 2 D 18. C. 5 D 19. R. 4 B 20. D. 1 D 21. R. 3 B 22. R. 4 C 23. PxB 24. R. 3 R 25. DxBT (ch) 26. R. 3 R 27. D. 1 CR 28. R. 4 D 29. PxB (ch.) 30. TxB (des. ch.) 31. D. D 32. R. D 33. T. 8 B (ch.) 34. T. 8 C (ch.) 35. T. 8 B (ch.) 36. T. 8 B (ch.) 37. T. 4 B

SEGUNDA PARTIDA (Abertura americana)

As brancas continuam a dar o partido do cavallo de dama

- Brancas. — Sr. T. 1. P. 4 BR (C) 2. C. 3 BR (ch) 3. C. 4 BR 4. C. 3 CR 5. B. 2 C 6. D. 2 C 7. D. 4 D 8. P. 4 BR 9. D. 5 B 10. P. 3 TD (ch) 11. D. 2 B 12. D. B 13. C. 2 D 14. P. 3 BR 15. B. 5 T 16. DxB 17. B. 3 D 18. Raque (TD) (1) 19. PxB 20. P. 4 TR 21. TR 1 CR 22. D. 4 D 23. P. 4 TD 24. B. 3 R 25. TD 6 C 26. D. 3 R 27. P. 3 R 28. T. 1 CR 29. DxB 30. PTxB 31. D. 3 R 32. C. 4 B (ch) 33. C. 4 B (ch.) 34. R. 2 C 35. CxT
As brancas tendem-se.

- (a) Preferimos recuar o bispo a 4 de T., bem que muitos jogadores ainda joguem como no texto. As primeiras autoridades tem praxado sufficientemente que B. 4-T. é melhor.
(b) As pratas deveriam ter aqui jogado P. 3 TR.
(c) As pratas sabriam-se relativamente bem dos enlanches em que se achavam, mas a posição é sempre um pouco critica, considerando a força do adversario.
(d) Bastaria que custa a partida; as pratas deveriam ter jogado B. 3 B.
(e) A este novo modo de abrir a partida alguns jogadores que tem que se responde com P. 4 R; mas nos primeiros a jogada no texto que dá uma excellentes defesa.
(f) Aqui aconselharmos as autoridades P. 3 CR para em seguida jogar B. 2 CR.
(g) As pratas tem jogado esta abertura com summa arte e circumspecção; aqui buscamos forçar vantajosamente a troca do bispo pelo cavallo. Recebendo-se partida de uma peça, é sempre conveniente fazer trocas porém não em detrimento da posição.
(h) Esta jogada não nos parece boa porém não é licito supôr que o Sr. Thorold não tivesse a sua intenção, trazendo propositalmente o bispo do adversario a O casa da torre. Dahi não lhe surgiu evidentemente o resultado que esperava.
(i) O roque não podia ser feito mais a proposito.
(j) Esta jogada é altamente ameaçadora. As pratas conseguem porém desmanchar os planos de seu terrivel adversario.
(k) Lance bem combinado e que assegura a victoria as pratas; quando mesmo as brancas tivessem jogado B. 5 T, em vez da jogada no texto, as pratas poderiam replicar do mesmo modo, ganhando a partida.
Imperial Instaura Artistico, rua d'Água 61, sacara da Floresta.



O CERVO NA FONTE — DESENHO EM AGUA FORTE DO SR. PIRADON

# PROSPECTO

DO

## COLLEGIO SUISSO-BRASILEIRO

PARA MENINAS

Dirigido pelas Sras. D. Mathilde e D. Helena Lutz

RIO DE JANEIRO

14 E 16 RUA DE SANTA ISABEL 14 E 16

(GLORIA)

As Directoras deste novo estabelecimento têm por fim reunir as vantagens de uma esmeralda e solida educação, com os carinhos de familia, tão indispensaveis para a boa formação do caracter.

Para poderem garantir estas vantagens especiaes, resolverão tomar um numero limitado de alumnas; as quaes estarão sempre debaixo da mais restricta vigilancia da parte das Directoras e da Exma. Sra. a mãe dellas.

Sendo as linguas allemã e franceza as que se fallão na sua patria, resolverão incluil-as na pensão geral, assim facilitando a cada alumna interna os meios de aprendel-as theorica e praticamente, obrigando-as a pratical-as constantemente.

A educação religiosa das suas alumnas catholicas será confiada á direcção de um habil sacerdote de reconhecido merito.

### PREÇOS POR TRIMESTRE

|                     |          |
|---------------------|----------|
| Interna . . . . .   | 150\$000 |
| Mela dita . . . . . | 80\$000  |
| Externa . . . . .   | 40\$000  |

As materias comprehendidas nestes preços são as seguintes:

As linguas allemã, franceza e portguezza.—Calligraphia.—Doutrina Christã.—Arithmetica.—Geographia.—Historia Universal, Patria e Sagrada.—Trabalhos de agulha de todas as qualidades.

### MATERIAS NÃO COMPREHENDIDAS NA PENSÃO ACIMA

|                          |         |     |         |
|--------------------------|---------|-----|---------|
| Lingua Inglesa . . . . . | por mez | Rs. | 8\$000  |
| Piano . . . . .          | » » »   | »   | 10\$000 |
| Canto . . . . .          | » » »   | »   | 10\$000 |
| Desenho . . . . .        | » » »   | »   | 8\$000  |
| Dança . . . . .          | » » »   | »   | 8\$000  |

O trimestre é pago adiantado, e e não ha desconto algum pelas férias, nem por qualquer tempo que as discipulas passem fora do collegio.

Cada alumna interna pagará, no acto da sua matricula a joia de 45\$000, o collegio fornecendo, mediante esta quantia, 1 leito c'e ferro, 1 colção, 1 travesseiro, 1 lavatorio e o material da sala de banho.

As alumnas que passarem as férias no collegio pagaráo mais 50\$000.

Pela lavagem e concerto da roupa pagará a interna 12\$000 mensaes.

O collegio fornecerá, por conta dos pais, todo o material para o ensino, sendo para isso por elles autorizado.

Em caso de doença os pais serão logo avisados, porém quando qualquer docute se tratar no collegio, as despezas do medico, botica, dieta, etc., correrão por conta dos pais.

### ENXOVAL PARA AS INTERNAS

- |   |  |
|---|--|
| 1 vestido de seda preta.                  | 2 guardanapos.                                 |
| 2 ditos de cassa branca.                  | 1 esponja.                                     |
| 6 ditos brancos, intetramente lisos.      | 1 cobertor de lã.                              |
| 6 camizolas brancas.                      | 2 ditos de algodão.                            |
| 12 camizas.                               | 2 colchas brancas.                             |
| 12 pares de calcas.                       | 1 sacco para roupa servida.                    |
| 12 pares de meias.                        | 1 caixa de folha para roupa limpa.             |
| 12 lençoes.                               | 1 capote de lã.                                |
| 6 saias.                                  | 1 chapéo.                                      |
| 2 camizolas de fuzunda escura para banho. | 1 dito de sol.                                 |
| 2 lençoes para banho.                     | 2 pares de botinas, sendo 1 de couro.          |
| 8 lençoes.                                | 1 par de chinellas.                            |
| 6 fronhas.                                | 1 talher e copo de prata ou metal galvanizado. |
| 6 toualhas de rosto.                      |  |
- o uma caixinha de toilette contendo: 1 pente e uma escova para cabellos, 1 dito fino, 1 escova para dentes e 1 dita para unhas, 1 escova para pentes, 1 tesoura para unhas e sabonete.

Para informações mais amplas dirijam-se ao Imperial Instituto Artístico, rua d'Ajuda, 51, Floresta.



Com o numero passado —37— entrou a **ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA** n'uma nova phase de existencia.

Procurando um meio de tornal-a a mais barata e popular das publicações congeneres, conservando-lhe entretanto o cunho summamente artistico, e, ao mesmo tempo querendo diminuir os extravios pelo correio, visto que a remessa em logar de duas vezes se fará de ora por diante uma só vez por mez, —os editores resolverão converter esta tão conhecida e afamada publicação na presente revista mensal. Outras rasões expendidas á pagina 204 d'este numero, infuirão tambem nesta resolução toda em beneficio do publico.

Como larga compensação feita aos assignantes, cada numero conterá

## 20 PAGINAS DE TEXTO E GRAVURAS

NUMA

### CAPA ILLUSTRADA

E OS

#### PREÇOS DA ASSIGNATURA

SERÃO REDUZIDOS

De 20\$ para Côte e Nictheroy a. . . . . 14\$ por anno

De 22\$ para as provincias a. . . . . 15\$ " "

Por preço tao diminuto e com o augmento consideravel do texto, que será o mais variado possivel, terão os leitores a **MELHOR DAS PUBLICAÇÕES** nacionaes illustradas, com a qual nenhuma outra poderá competir, e levará sobre outras semelhantes revistas a vantagem de dar noticias mais recentes e artigos devidos á nata dos escriptores nacionaes, sendo ella publicada e impressa no paiz.

